



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

HELENILSON MARQUES FERREIRA

DESCREVENDO O DEVIR PROFESSOR DE MATEMÁTICA

Caruaru

2019

HELENILSON MARQUES FERREIRA

DESCREVENDO O DEVER PROFESSOR DE MATEMÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Matemática da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Matemática.

Área de concentração: Ensino (Matemática).

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Simone Moura Queiroz.

Caruaru

2019

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier - CRB/4 - 1242

F383d Ferreira, Helenilson Marques.
Descrevendo o devir professor de matemática. / Helenilson Marques Ferreira. – 2019.
57 f. ; il. : 30 cm.

Orientador: Simone Moura Queiroz.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA,
Licenciatura em Matemática, 2019.
Inclui Referências.

1. Professores de matemática. 2. Subjetivação. 3. Experiência. I. Queiroz, Simone Moura
(Orientador). II. Título.

CDD 371.12 (23. ed.) UFPE (CAA 2019-228)

HELENILSON MARQUES FERREIRA

DESCREVENDO O DEVER PROFESSOR DE MATEMÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Matemática da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Matemática.

Aprovado em: 09 / 07 / 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Simone Moura Queiroz (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Ma. Marta Maria de Lima Sales (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Me. Luan Danilo dos Santos (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esse trabalho a todos os profissionais que buscam diariamente reproduzir da melhor forma a incrível missão de ser professor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de estar realizando um sonho que é a conclusão do Ensino Superior.

A minha família, meu Pai (Heleno) por ter sido o primeiro a me subjetivar a gostar de matemática através de suas habilidades nas operações. A minha Mãe (Cida) por me obrigar a aprender as tarefas diárias propostas pelas professoras da Educação Infantil, onde sou eternamente grato por sua insistência. A minha esposa (Girlene) por me aturar nos estresses proporcionados pela vida e por sempre estar ao meu lado nas minhas decisões e sonhos. Aos meus irmãos, Helenice, José Heleno, Denise, Ziza, Zeza, aos cunhados Paulo, Gerson e Gilson, e as minhas cunhadas, Girleide, Ana e em especial a Gislayne (*In Memória*), por fazerem parte da minha vida e vibrarem com minhas conquistas. A minha sogra (Maria José) e ao meu sogro (Genivaldo) por sempre se preocuparem com a execução dos meus sonhos, apoiando sempre no que anseio.

Aos meus amigos (irmãos) que sempre se fazem presentes no dia a dia e tornam a minha vida mais leve proporcionando superações marcadas em minha existência. Aos amigos da faculdade que me ajudaram e fizeram companhia nas disciplinas cursadas, nas viagens longas dos congressos, nos Encontros de Matemática do Agreste Pernambucano, nos grupos, no cachorrão e entre tantos outros ambientes que ficaram marcados pelo bom clima causado.

A orientadora Simone Queiroz, que teve muita paciência na execução deste trabalho, como também nos grupos, encontros e em tantas outras coisas, onde se fez presente nas minhas maiores conquistas dentro da Universidade. Aos demais professores, Cristiane, Valdir, Everaldo e Viviane, sendo esses educadores inspirações para esta profissão.

Aos amigos professores que compõem a banca por se fazerem presentes colaborando na finalização deste trabalho.

Aos amigos que conheci na Educação Básica e em especial aos meus professores que foram fundamentais na minha escolha por esse curso.

Enfim, a todos que presentes ou não, participaram dessa fase estudantil em minha vida.

Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 3).

RESUMO

O ensino da matemática proporciona para os pesquisadores da área, campos onde se estudam procedimentos metodológicos, as descobertas e/ou aperfeiçoamentos de fórmulas e entre tantas outras coisas, porém pouco se vê o sujeito professor de matemática como objeto de estudo. Foi a partir desta condição, que este trabalho foi pensado e reproduzido, tendo como público alvo os licenciandos, sobretudo aqueles que já ensinam, pois, proporciona uma reflexão acerca das suas práticas pedagógicas e associa ao relacionamento professor/aluno. Como aporte teórico, foi usado a Filosofia da Diferença, onde traz abordagem significativa para a compreensão do devir e de seus elementos. Com isso, o trabalho buscou descrever o devir professor de matemática, ou seja, as subjetivações, experiências, marcas e o cuidado de si, elementos esses que compõem o sujeito no decorrer de sua existência. Para a elaboração deste trabalho, foi selecionada uma turma do sétimo período do curso de licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pernambuco do Centro Acadêmico do Agreste. O motivo dessa turma tem-se por acreditar que existia uma probabilidade maior de ter alunos que já tinham experiência em sala de aula. Posteriormente, foi aplicado um questionário onde buscou selecionar um sujeito para a entrevista. A entrevista foi baseada no mapa narrativo, que consiste em uma junção de uma entrevista semiestruturada acompanhada de um desenho que diz respeito aquilo que está sendo estudado. Portanto, enquanto o sujeito responde as perguntas, o mesmo fazia um desenho que representasse aquela etapa. Os resultados obtidos mostraram um percurso longo e árduo, trazendo assim às subjetivações, as experiências, as marcas de um sujeito que entendia e conhecia cada fase de sua vida, detalhando-a de forma contundente e precisa, possibilitando uma viagem em seu devir.

Palavras-chave: Devir. Professor. Subjetivação. Experiência.

ABSTRACT

The teaching of mathematics provides researchers in the field, fields where methodological procedures are studied, the discoveries and / or improvements of formulas and among many other things, but little is seen the subject teacher of mathematics as object of study. It was from this condition, that this work was thought and reproduced, having as target audience the undergraduates, especially those who already teach, as it provides a reflection on their pedagogical practices and associates with the teacher / student relationship. As a theoretical basis, the Philosophy of Difference was used, which brings a significant approach to the understanding of becoming and its elements. With this, the work sought to describe the becoming teacher of mathematics, that is, the subjectivations, experiences, marks and self-care, these elements that compose the subject throughout its existence. For the elaboration of this work, a class of the seventh period of the degree course in Mathematics of the Federal University of Pernambuco of the Academic Center of Agreste was selected. The reason for this class is because they believed that there was a greater likelihood of having students who already had classroom experience. Subsequently, a questionnaire was applied to select a subject for the interview. The interview was based on the narrative map, which consists of a junction of a semi-structured interview accompanied by a drawing that concerns what is being studied. Therefore, while the subject answers the questions, he made a drawing that represented that step. The results obtained showed a long and arduous journey, thus bringing to the subjectivations, the experiences, the marks of a subject who understood and knew each phase of his life, detailing it in a sharp and precise way, enabling a journey in his future.

Keywords: Becoming. Teacher. Subjectivation. Experience.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Questionário para seleção do sujeito.....	36
Quadro 2: Questionário para entrevista.	37
Figura 1: Religião	38
Figura 2: Matemática.....	38
Figura 3: Família	38
Figura 4: Professor	38
Figura 5: Futuro	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	ADENTRANDO NO CAMPO DA DIFERENÇA	13
2.1	O que é diferença?	13
2.2	Mergulhando na existência do sujeito: subjetividade, sujeito e modos de subjetivação	15
3	DISPOSITIVO	18
3.1	Dispositivo Sala de aula.....	20
4	EXPERIÊNCIA, MARCAS E O CUIDADO DE SI.....	24
5	DEVIR PROFESSOR DE MATEMÁTICA	31
6	METODOLOGIA.....	35
7	DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	40
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

O devir é composto por elementos que vão constituindo o sujeito. As subjetivações, experiências e marcas são alguns dos elementos que estão presentes no devir e que supostamente está incluído no sujeito enquanto vida. O devir professor de matemática está relacionado ao que o sujeito está sendo e isso remete as escolhas e desejos que o mesmo aderiu no decorrer de sua existência, sendo assim um reflexo do seu passado, um planejamento do seu presente e uma conquista para o futuro.

Queiroz (2015) trouxe em seu trabalho uma pesquisa onde foram selecionados sujeitos que cursavam licenciatura em Matemática e que participavam de um projeto de extensão, o qual foi construído/planejado pela autora em parceria com a Universidade. Este projeto proporcionava que esses estudantes dessem aulas em escolas públicas, sendo assim, Queiroz (2015) analisou a prática docente desses sujeitos e no decorrer desse projeto, trouxe explicações usando a Filosofia da Diferença para explanar as relações de forças que perpassaram esses alunos. Além disso, buscou descrever a evolução, sob a ótica de cada estudante, a sua prática pedagógica e metodológica após terem tido o contato com a sala de aula. Foi concluído que houveram mudanças nas práticas desses alunos, acarretando em novas posturas no sujeito professor de matemática e é nisto que consiste o devir: a mudança vinda pela necessidade encontrada na caminhada, seja profissional ou social.

O campo de conhecimentos sobre a Matemática é vasto no âmbito acadêmico, pois proporciona ao pesquisador várias áreas para desenvolver uma pesquisa, pois há trabalhos acerca de práticas docentes, metodológicas, currículos e entre outros. Este trabalho buscou descrever o devir professor de matemática. A justificativa se dá por saber que ainda há uma carência a respeito da visão que a sociedade tem em relação aos detalhes que compõem o sujeito professor. Obviamente não vamos abordar a vida desse sujeito como um todo, mas sim um pouco de sua trajetória que possibilitou a escolha em ser estudante de licenciatura de matemática, suas dificuldades, seus interesses, seus apreços, suas admirações e entre outros. Então surge a pergunta: Qual o devir do estudante de licenciatura em matemática da Universidade Federal de Pernambuco no Centro Acadêmico do Agreste?

Objetivando descrever o devir professor de matemática, foram traçados alguns caminhos que pudessem levar o pesquisador a tal resposta. Compreender a partir da ótica do licenciando os movimentos que os permeiam; foi o primeiro deles, pois nesta condição o pesquisador teria uma leve noção de como poderia estabelecer novos caminhos fazendo assim

que o trabalho fosse desenvolvido. Investigar a subjetividade do sujeito; possibilitaria identificar alguns elementos que os compõem. Identificar as subjetivações que fez os licenciandos optar pelo curso; como algo mais restrito, traz para o pesquisador as experiências que o sujeito da pesquisa teve para se ingressar neste curso. Descrever os conceitos que os sujeitos têm sobre si: busca mostrar como o sujeito está sendo no momento da pesquisa.

Para isso estruturamos a nossa pesquisa em capítulos. De início buscamos entender o que é Diferença e os conceitos que estão interligados ao sujeito, para tal finalidade temos como aporte teórico a Filosofia da Diferença com alguns estudiosos, são eles, Schopke (2009), Mansano (2009), Queiroz (2015), Deleuze (1990). Seguindo nosso trabalho trazemos os estudos de Agambem (2009), Deleuze (1990), Silva et al (2018) e de demais pesquisadores para entendermos melhor o conceito de dispositivo. Mais adiante foi abordado a ideia de experiência com base em Larrosa (2002), marcas segundo Rolnik (1993) e Cuidado de si de acordo com Cavamura (2013). Finalizando o nosso aporte teórico, fazemos uma discussão sobre a ideia de devir e ligamos tal conceito ao professor de Matemática baseado nas obras de Queiroz (2015) e Vaz (2012). De modo geral, pretendemos com esses estudiosos citados anteriormente e dentre outros que trazem abordagens significativas, entendermos melhor os movimentos que perpassam a vida do sujeito, pois são eles que o constitui e faz dele o que está sendo, se submetendo, se transformando. Continuando a estrutura do nosso trabalho, identificamos nossa pesquisa como qualitativa, descrevemos nossos sujeitos, em seguida os instrumentos usados para produzir os dados e finalizamos com as descrição e discussão dos mesmos segundo o nosso aporte teórico.

2 ADENTRANDO NO CAMPO DA DIFERENÇA

Para compreendermos o conceito de diferença e as ideias associadas que utilizamos para fundamentar teoricamente este trabalho dividimos este capítulo em dois subtópicos, são eles:

2.1 O que é diferença?

Para podermos entender a proposta deste trabalho é necessário pensarmos acerca dos conceitos sobre a diferença. Então este capítulo tem como objetivo expor o conceito de diferença e detalhar elementos a ele associados.

Esta proposta de enxergar o outro como diferente direciona o sujeito a desconstruir padrões estabelecidos durante sua vida. Lembrando que neste trabalho não vamos apontar a diferença em forma física, mas através de conceitos que formam o pensamento do sujeito em variadas ocasiões, ou seja, o que está em jogo é o pensamento construído através de contatos com o outro.

Schopke (2009) afirma que a diferença era vista como algo negativo, como algo ruim e perigoso, pois fugia dos padrões de tudo aquilo que era proposto a sociedade, ou seja, o controle estaria em risco podendo assim haver uma revolução e posteriormente causando uma desconstrução de uma ideologia imposta sobre esses sujeitos. Depois de muitos anos a diferença foi estudada e interpretada de forma diferente. Em seu trabalho, Schopke (2009) afirma que o conceito de diferença:

[...] remete sempre a um campo de problemas. Desta maneira, enquanto é pensado em termos construtivistas, o conceito pressupõe um plano que lhe dá uma existência autônoma. É o que Deleuze chama de plano de imanência – uma espécie de crivo no caos, uma forma de adquirir uma consistência sem perder-se no infinito no qual o pensamento mergulha. (p. 2)

Os conceitos estão espalhados em todo plano de imanência. Com isso existem possibilidades de planos que direcionam o sujeito em uma formulação de novos conceitos. É nesse “mergulho” nos planos que os conceitos interagem e assim cada sujeito constrói novos conceitos que resulta numa edificação de uma autonomia própria. Nesta perspectiva o sujeito é formado na multiplicidade com uma forma construtivista (contato com o outro) que ele vai sendo subjetivado e vai subjetivando, vai se construindo levando sempre a um devir.

Pensar diferença requer uma desapropriação da razão, não podemos avaliar a diferença com a razão. Para exemplificar, podemos afirmar cautelosamente que a razão é tudo aquilo que vem seguido de um padrão que julgamos ser perfeito. Esse padrão é uma estrutura

estabelecida e absorvida no decorrer de nossa existência e isso muitas vezes impossibilita o sujeito de enxergar além daquilo que o outro pode mostrar ser. Ignorar a diferença é se abster de novas oportunidades de enxergar o mundo, pois é nessa dinâmica que o sujeito vai se reconstruindo, uma vez que aquilo que julgamos fazer parte de nós muitas vezes não passa de uma mera passagem de identidade momentânea. Segundo Schopke “[..] a diferença, em si, é algo que só o pensamento pode intuir. Ela é uma relação um acontecimento, um incorporal” (2009, p. 3). São nestes acontecimentos que surgem novas visões e novas interpretações de determinados conceitos. É nessa indeterminada jornada do “eu” que o sujeito vai se transformando, se subjetivando, sendo, porém como dito, não existe um ponto de partida, assim como não existe um ponto de chegada. O que há na formação do sujeito será sempre o devir.

De maneira simples e esclarecedora, Silva (2017) traz em um breve vídeo explicações acerca da diferença, onde mostra alguns pontos que impulsionam a relação entre Identidade x Diferença. Segundo Silva (2017), no século XVIII a Identidade é introduzida como algo superior a Diferença e pode estar relacionada nas coisas e nas pessoas. Nela há certa comodidade e com isso exige pouco esforço do sujeito para determinadas coisas, ou seja, há uma praticidade, uma forma fácil de resolver e reconhecer aquilo que está em questão. Além disso, por estar seguros da ideia de vida ou de mundo, a identidade dar ao sujeito uma segurança, uma estabilidade, onde o caráter, que remete a característica, faz o sujeito se reconhecer. Ou seja, a identidade, segundo Silva (2017) está relacionada no sentido de se convencer com aquilo que é visto como o normal e universal.

Silva (2017) também mostra pontos relacionados a Diferença. Para esta, o Doutor em Filosofia mostra que há uma forma de pensar e de reconhecer a diferença, porém essa ainda não consegue se desprender a algo comum, pois há uma ideia de conservar aquilo que pode servir para se identificar. Paraphraseando, podemos dizer que por mais que pensamos e buscamos entender a diferença, há um medo de se “perder” conservando assim uma identidade, pois se generalizarmos e introduzir a diferença como o todo, haverá uma oposição a identidade. Portanto, enquanto a identidade remete a convenção, a diferença remete ao medo.

Dentro dessas perspectivas, pensar diferença nos tira do nosso comodismo, nos leva a lugares outros, onde não sabemos onde vamos chegar. Com isso, a diferença se torna um tipo de ameaça para o sujeito, trazendo o desconhecido e levando para novos desafios. É a chamada luta do “eu” para comigo. Renovar e aceitar novos modos de pensar e agir é uma tarefa um tanto complicada, pois leva o sujeito a desconstruir-se e reconstruir-se acerca de

pensamentos, crenças e entre outros, tanto para com coisas quanto para com pessoas. Pensando a diferença de forma positiva, podemos apontar a mudança do sujeito a uma espécie de aceitabilidade e compreensão para consigo e para com os outros. Foucault (2006) diz que “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo” (p.7). O conhecimento de si leva o sujeito a pensar e repensar suas singularidades e suas diferenças, causando-o uma mudança. Por isso o sujeito nunca é. Ele está sempre em um processo de mudanças, compreendendo o mundo (pessoas, lugares, crenças e etc.) a cada dia de modo diferente. Entender a diferença possibilita uma liberdade coletiva, onde o sujeito passa a fazer parte de um mundo que ele ainda não conhecia.

2.2 Mergulhando na existência do sujeito: subjetividade, sujeito e modos de subjetivação.

Somos pessoas que vivemos rodeados de situações que levam-nos a refletir sobre nossas práticas e nossas condutas. A subjetividade, digamos que seja um componente que nos leva a essa reflexão. Só é possível falarmos de subjetividade quando existir uma relação com outro, sendo esse qualquer fenômeno que implique em uma troca de singularidade, para isso Mansano (2009) diz que:

[...] a subjetividade não implica uma posse, mas uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro. Nesse caso, o outro pode ser compreendido como o outro social, mas também como a natureza, os acontecimentos, as invenções, enfim, aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver. (p. 111).

A autora nos mostra que não existe um segmento que conduza para algo pronto ou acabado, mas uma produção que não tem fim e vai acontecendo a cada encontro. Cardoso Junior (2005) afirma que “a subjetividade é diferenciação e não identidade” (p. 348), isso porque é a diferença que propicia a mudança e a composição do ser, justamente por sermos esse ser que está exposto e condicionado a mudanças.

Cada ser tem suas verdades, suas crenças seus conceitos, e isso foram adquiridos no contato com o outro. Em cada sujeito existe uma multiplicidade e uma singularidade, ou seja, é nesse processo interno desses conceitos que surge um “eu” que não pode ser igual a qualquer outro. Podemos usar como exemplo a família. Embora um casal tenham filhos gêmeos e conseqüentemente tenham dado a eles a mesma educação, mostrando os mesmos princípios, isso não implica que eles serão iguais, que terão gostos parecidos ou acreditarão na mesma coisa. Cada um tem a liberdade de formar em seu pensamento a ideia de pessoa, de

profissional que quer ser, ou seja, cada pessoa tem uma subjetividade que é composta pelo contato tido com outros sujeitos.

[...] o sujeito não pode ser concebido como uma entidade pronta, mas ele se constitui à medida que é capaz de entrar em contato com essas forças e com as diferenças que elas encarnam, sofrer suas ações e, em alguma medida, atribuir-lhes um sentido singularizado. [...] Cabe assinalar que a potência de ação dessas forças também é variável. Assim, diante de uma dada experiência vivida, elas podem ou não se manifestar. (MANSANO, 2009, p. 115).

Se pensarmos o sujeito como corpo, podemos dizer que a subjetivação é aquilo que oferece ao corpo um órgão que cabe a ele aceitar ou não. Esse corpo vai se completando de acordo com aquilo que é oferecido a ele (subjetivação), entretanto, este corpo nunca estará completo, pois a subjetivação nunca vai parar de levar a esse corpo coisas novas, para se recompor. É um tipo de cirurgia que tira o que não faz mais efeito e coloca aquilo que por hora, funciona de uma forma satisfatória.

Em meio a tantas situações que propicia a subjetivação, Mansano (2009) faz uma breve reflexão aos modos de subjetivação. Para tanto, a autora busca aporte teórico com Foucault em época quando o filósofo direcionava seus estudos ao estoicismo (uma doutrina grega) com o intuito de observar uma prática conhecida como “cuidado de si”. Essa prática se resume em uma auto avaliação que proporciona um conhecimento de si e que resulta em conhecer seus limites e suas potencialidades. A autora informa que essa prática era oferecida para quem quisesse e que de forma espontânea era aderida, contudo apenas essas pessoas que faziam parte desta prática eram tidas como capazes de assumir um cargo público. Segundo Foucault (2006) “O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência” (p.11). A explicação para isso se dava porque se acreditava que apenas pessoas que se conhecessem podiam passar por momentos bons e difíceis sem que isso pudesse afetar o seu interior e posteriormente o seu modo de governar.

O estoicismo era um movimento que ditava algumas regras a serem seguidas, porém não havia uma obrigatoriedade em adotá-la, o intuito não era subjetivar de uma forma forçada e sim com cautela partindo do sujeito o desejo de participar. Isso não implica que não havia linhas de forças diretamente postas sobre esses sujeitos, pois todo dispositivo onde o sujeito se encontra tem a finalidade de normalizar e de singularizar os pensamentos. Mansano (2009) informa que esses modos de subjetivação também podem mudar com o decorrer do tempo. A prática do cuidado de si é um exemplo, o que era tido como um movimento facultativo passou

a ser obrigatório devido a “necessidade” que foi notada na época. Esse fato é um exemplo dentro de tantos outros que podemos citar. Nas escolas, mais precisamente na sala de aula, ocorrem às subjetivações, a composição do sujeito e os modos de subjetivação são mudados de várias formas. O professor que é tido como o “controlador”, “mediador” do saber e do poder, transmite subjetivação assim como absorve. Neste caso, não quer dizer que o modo de subjetivação usado em uma turma será igual na outra, isto é, vai depender do perfil de cada classe para que o educador encontre o melhor modo para atingir aquele grupo.

Queiroz (2015) traz uma abordagem categorizando os tipos de subjetivação. São eles: “Não perceber que está sendo subjetivado. Perceber, querer lutar contra as forças, mas não conseguir. Perceber e aceitar. Perceber, lutar contra as forças que o subjetivam e conseguir rejeitá-la” (p.137). Como visto, temos quatro tipos de subjetivações. Na primeira o sujeito não consegue perceber que está sendo subjetivado, ou seja, nesta categorização há linhas de forças sendo aplicadas sobre ele, porém ele não percebe, pois em boa parte das ocasiões as subjetivações não estão visíveis. A educação, por exemplo, têm normas que devem ser seguidas e boa partes delas os alunos cumprem sem ter noção que aquela norma tem implicações no seu modo de ser. A segunda o sujeito percebe que está sendo subjetivado, luta contra, mas não consegue resistir. Por exemplo: o professor, em um dia agitado, se dirige ao aluno e diz que ele nunca será capaz de aprender determinado conteúdo. O aluno recebe a ação, fica triste, busca forças para superar, mas não consegue e conseqüentemente opta em deixar de estudar por não se sentir capaz. A terceira o sujeito percebe e aceita. Normalmente esta acontece para aqueles sujeitos que não tem muito conhecimento de si sobre determinada coisa e acabam não se questionando ou lutando contra. Na quarta categoria o sujeito sabe

, luta contra e consegue resistir. Trazendo o mesmo exemplo do aluno que recebeu a ação através do discurso do professor, o estudante sabe que recebeu, procura forças e de alguma forma consegue superar e mostrar ao professor que aquilo não é verdade. Portanto temos que das quatro categorias, três o sujeito percebe que está sendo subjetivado e isso implica pensar que, na maioria das vezes, cada sujeito traz consigo as verdades ao qual o mesmo a conhece.

A subjetividade, os modos de subjetivação e o sujeito estão totalmente ligados na existência do ser. As composições estabelecidas pelas subjetivações fazem com que o sujeito obtenha sua subjetividade, mesmo sabendo que essa está inserida no sujeito há curto ou longo prazo, mas nunca definitiva, pois o sujeito nunca é. Ele está sendo!

3 DISPOSITIVO

O sujeito é composto por várias situações que surgem no decorrer de sua existência. Essas situações acontecem em vários lugares, ambientes, meios de comunicação e etc. Podemos dizer que o dispositivo são esses lugares que estão em nossa volta onde o sujeito está inserido desde o seu princípio e no decorrer de sua vida vai se adentrando, e com isso constituindo sua conduta.

Em sua pesquisa, Silva, Costa, Soares e Queiroz (2018) mostram alguns conceitos sobre o dispositivo. Como referência, a pesquisa traz três pontos que definem o dispositivo sobre a ótica de Foucault. “1º É um conjunto heterogêneo, uma espécie de rede estabelecida entre discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativa, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas.” (FOUCAULT apud SILVA et al., 2018, p. 15).

Como vimos o dispositivo não se limita em um lugar propriamente dito, mas em tudo aquilo que proporciona uma relação de força que tem como objetivo unificar os sujeitos em seus comportamentos e pensamentos através das linhas de visibilidade e enunciação. É heterogêneo porque não tem um formato único, pois como visto anteriormente, se caracteriza por diversas maneiras, embora tenham o mesmo objetivo, não tem uma única forma. É uma rede complexa que está conectada por um único objetivo, onde o sujeito é a presa fácil que pertence a tudo isso sem poder se desconectar. “2º É a relação existente entre os elementos heterogêneo da rede”. (SILVA et al., 2018, p. 15). Neste quesito, a autora mostra que neste conjunto há uma relação que dá sentido ou significado aos elementos contidos nele. Existem estratégias que são elaboradas para que surjam condições que possibilite o funcionamento desse conjunto para a finalidade elaborada ou criada. Se determinado dispositivo não cumpre ou deixa de cumprir com o seu objetivo (controlar), elaboram-se estratégias que fazem com que esse possa ter uma nova função condicionando um novo modo de controle. “3º Na origem do dispositivo há um imperativo estratégico de controle”. (SILVA et al., 2018, p. 16). Essa afirmação está relacionada com a anterior.

Se o dispositivo não atende às funções pelas quais foi criado, que é a de exercer o domínio sobre algo ou alguém, ele é repensado, repaginado, readaptado, surgindo uma nova versão do dispositivo, podendo haver novas articulações sendo inseridos novos elementos heterogêneos em sua rede, assim como incluir outros. (SILVA, et al., 2018, p. 16).

O dispositivo tem como característica o controle dos sujeitos que habitam nele e para isso conta com disciplina, regras e ferramentas que colaboram para o pensamento único de

domação. Podemos usar como exemplos alguns dispositivos ao qual adentramos, tais como: escola, família, trabalho, religião e entre outros. Neles acontecem o controle aonde os sujeitos vão criando forma e se tornando cada vez mais parecidos um com os outros. São nos dispositivos que acontecem as subjetivações e os modos de subjetividade, além disso, ocorrem as trocas de experiências de sujeitos e que acabam em determinados conceitos influenciando diretamente no seu modo de agir, de pensar, de ser.

As autoras também trazem as contribuições de Deleuze (1990) acerca do dispositivo, onde apresentam quatro dimensões. Na primeira e na segunda dimensão as autoras apontam as “curvas do saber onde são compostas com a visibilidade e a enunciação” é o fazer ver e o fazer falar, entretanto é relevante saber que no dispositivo só é possível ver e falar aquilo que é permitido, pois como dito, o dispositivo tem a função de impor regras que estabeleçam uma conduta que seja adotada por todos. Na terceira dimensão, tem-se “as linhas de força que constituem o poder”, diferentemente da primeira e da segunda, a terceira dimensão não só inclui a visibilidade e a enunciação, mas também o que está oculto, ou seja, o que não está visível e o que não pode dizer, Deleuze (1990) afirma que as linhas de forças:

[...] “retificam” as curvas anteriores, traçam tangentes, envolvem os trajetos de uma linha com outra linha, operam idas e vindas entre o ver e o dizer e inversamente, agindo como setas que não cessam de penetrar as coisas e as palavras, que não cessam de conduzir à batalha. A linha de forças produz-se “em toda a relação de um ponto a outro” e passa por todos os lugares de um dispositivo. Invisível e indizível, esta linha está estreitamente mesclada com outras e é, entretanto, indistinguível destas. (p. 156).

Na quarta dimensão o autor se refere à subjetividade, onde há uma ruptura do sujeito com o seu eu. A partir do momento que o sujeito se adentra em determinado dispositivo, o mesmo deve ser subjetivado e adotar novas posturas em sua vida. É um processo de assujeitamento, onde há imposições que “forçam” o sujeito a pensar e corresponder com aquilo que é imposto. No dispositivo escola, por exemplo, o sujeito tem que comparecer diariamente e suprir com as regras estabelecidas. Caso o sujeito não cumpra, há uma série de penalidade que inclusive pode o levar a reprovação. Essas regras têm como objetivo domar e transformar o sujeito. É um modo de “forçar” os sujeitos em ter uma única conduta, um único pensamento, embora sabe-se que cada sujeito é um pouco daquilo que lhe é oferecido, ou seja há uma multiplicidade, porém sem que perca suas singularidades.

Como vimos, o dispositivo está espalhado em tudo que constitui o nosso mundo, assim podemos dizer que ele é o nosso território existencial, onde tudo o que nos compõe esteja diretamente ligado, sejam nossas crenças, nossas verdades, nossos cuidados, enfim tudo aquilo que move o sujeito e suas subjetivações.

Assim como dizem Silva et al. (2018) mencionando os autores contidos em seu trabalho, “o dispositivo é uma rede”. Uma rede que liga todo esse emaranhado que compõe todos esses elementos formando assim o corpo do sujeito onde os órgãos que compõem esse corpo são as subjetivações e experiências adquiridas nos mais variados dispositivos. A família, por exemplo, tem um papel importante no devir do sujeito, pois é nela que ocorrem as primeiras subjetivações, as primeiras experiências. As normas estabelecidas pelos pais ou responsáveis, são normalmente o primeiro modo de subjetivação apresentada ao sujeito em sua existência. É importante destacar que esses responsáveis também são sujeito de subjetivação, como falado no nosso trabalho, todo sujeito tem uma singularidade sendo construída pelas diferenças, ou seja, pelas subjetividades. São essas normas que vão afetando o sujeito e assim fazendo com que o mesmo estabeleça suas condutas. Por ser regido por regras estabelecidas em seu ambiente familiar, o sujeito carrega costumes e crenças que se assemelham das pessoas que o criou. É uma forma de singularidade familiar produzida em longo prazo que perpassam por gerações.

A ênfase na família nas campanhas sanitárias, no discurso pedagógico, na normalização jurídica e em todas as práticas profissionais atuais expressa a naturalização de uma estrutura social sustentada na perspectiva indivíduo-família. A família passou a constituir um espaço privado, cuja atribuição maior é a responsabilidade por seus membros. Assumida por meio de uma série de estratégias de controle disciplinar, a prática produz efeitos tanto no seu âmbito interno (privado), como no âmbito público (ordem pública). (SCHEINVAR, 2006, p. 50).

As subjetivações estabelecidas nesse dispositivo refletem na vida dos membros em suas ações dentro de casa e fora dela. Socialmente falando, o sujeito irá contribuir na forma que foi estabelecida, moldada e criada enquanto corpo no espaço doméstico. O poder estabelecido pelo responsável, através de estratégias, vai mostrando para o sujeito na posição de resistência as normas que tem que ser seguidas, porém como visto em toda relação de poder há resistência e é neste sentido que podemos observar que nem todo filho é um seguidor de regras e quando isso acontece o sujeito toma decisões distintas daquelas que foram estabelecidas por sua família.

3.1 Dispositivo sala de aula

Silva, Costa, Soares e Queiroz (2018) trazem o ponto de vista de interpretação de Agamben (2009) acerca dos três pontos de Foucault sobre o dispositivo. Nele as interpretações são parecidas. Porém, as autoras vão além e usam o exemplo da sala de aula

para exemplificar a 1ª condição sobre o dispositivo que é visto como “conjunto heterogêneo”, as autoras afirmam que

[...] ao mesmo tempo em que o dispositivo pode ser físico, lembrando que isto não é condição de existência, ele transcende o físico. Por exemplo, a edificação sala de aula é um dispositivo transpassado por uma diversidade de linhas, podendo esta ser de enunciação, visibilidade, estratificação, sedimentação, subjetivação, de fuga, dentre outras. (SILVA et al., 2018, p. 18).

As linhas de forças são composta por esses elementos citados, são eles: de enunciação, visibilidade, estratificação, sedimentação, subjetivação, de fuga, dentre outras. As linhas de enunciação e visibilidade são o que compõem a relação de poder/saber. A estratificação é o modo no qual o sujeito deve ser construído, ou seja, uma camada de pessoas que tomam uma forma homogênea. Sedimentação seria a prática de separar as misturas, ou seja, na sala de aula podemos observar que há uma forma de separar alunos dependendo de suas ações e condutas. A subjetivação como já falado é a ferramenta utilizada para que tudo isso possa ocorrer, pois é através dessa que podemos domesticar os sujeitos. O sujeito pode optar em não querer estar naquele dispositivo. Essa atitude remete a linhas de fuga, embora o sujeito esteja na sala de aula, o mesmo pode estar com o pensamento longe, como também pode optar em sair da sala. Além desses elementos podem haver outras linhas de forças.

No segundo ponto “O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder”. (AGAMBEN, 2009, p. 29). Ou seja, no dispositivo há estratégias que solidificam a intenção de controle. Silva, Costa, Soares e Queiroz (2018) afirmam que

[...] temos nas obras de Foucault o dispositivo das prisões, do Panóptico (vigilância oculta), das escolas, das fábricas, da disciplina, das formas jurídicas, da aliança, da sexualidade, dentre outros, onde a dimensão do poder existe em meio as relação de forças (poder e resistência), é algo dinâmico, não existindo um proprietário, ou seja, não existe aquele que sempre detém o poder (nesta dimensão), com isso os vetores poder e resistência pode alterar de uma pessoa para outra. (p.18).

Os dispositivos das prisões são aqueles que introduzem no sujeito uma sensação de vigilância que o persegue por boa parte da sua vida. O Panóptico¹, por exemplo, é uma prisão que foi construída de tal forma onde quem estava preso não conseguia ver os guardas que o vigiavam. Existia uma torre no meio da prisão onde as celas ficavam ao seu redor. Além disso, as celas eram vazadas de dentro para fora, assim a claridade impedia que o detento

¹ Panóptico de Bentham foi estudado por Foucault (1987), o qual fez um deslocamento da estrutura do Panóptico com outros dispositivos como escolas e hospitais.

pudesse enxergar alguém na torre. O objetivo desse formato é introduzir no presidiário a ideia de vigilância 24 horas por dia. Embora naquela torre não existissem guardas, o modelo não possibilitava um possível descuido por parte da prisão. E como podemos relacionar esta condição de prisão nos dispositivos sala de aula? Simples! Na escola existem normas que regem todos os sujeitos que estão inseridos nela. Os alunos são vigiados pelos professores, os professores pelos coordenadores, esses pelos gestores, os gestores pelo secretário e assim por diante. Uma das ferramentas utilizadas para essas vigilâncias são os exames internos e externos, onde avaliam o desenvolvimento dos alunos e das escolas da rede. Assim, podemos entender que o dispositivo escola subdivide vários outros.

O terceiro ponto levantado por Agamben (2009) “resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber” (p. 29). A partir dessas duas relações, advém a subjetivação, onde todo o dispositivo deve produzir sujeito de acordo com suas finalidades.

Oliveira (2014) afirma que os dispositivos “configuram corpos e almas e também, fabricam populações para atenderem determinada urgência histórica: a escola, a prisão, a família, são alguns desses dispositivos” (p. 40). A escola foi criada para que houvesse um controle social, para isso foram estabelecidas normas que pudessem controlar as ações e os pensamentos daqueles que a frequentavam. É por meio do poder e saber que são configurados os dispositivos,

Pelo primeiro, Foucault compreende ações sobre ações: é o exercício do poder que molda os corpos e as subjetividades dos indivíduos. Já o segundo, o filósofo francês entende como formação discursiva em conjunto de regras anônimas, históricas, sempre em locais e épocas específicas: num momento, emite-se certo enunciado e isso dito se configura como um saber verdadeiro, que, ao ser ensinado por meio da relação de poder, atua de maneira disciplinar. Numa escola, por exemplo, quando os professores notam seus alunos sentados de forma tida como inadequada, podem repreendê-los e corrigi-los pondo-os em posição correta. Nesse caso, essa foi uma ação do professor sobre a do aluno que se pautou num saber considerado verdadeiro, como por exemplo, que má postura compromete movimentos corporais: assim a criança cresce de acordo com a postura considerada apropriada e, também, pensa a partir desse conhecimento (OLIVEIRA, 2014, p. 40).

Passamos pela experiência em sala de aula e na maioria dos casos é um dos dispositivos que mais marca o sujeito na sua existência. Adotada há muito tempo, a escola segue um modelo antigo que se mantém até hoje, bancas enfileiradas, professores sendo o sujeito do poder e alunos o sujeito da resistência, normas estabelecidas sobre os estudantes e entre outros casos visíveis. Diante dessa realidade, podemos afirmar que a finalidade da escola continua a mesma, depois de séculos. Não entramos nessa reflexão com o intuito de apontar o certo ou errado e sim para mostrar que a escola, em sua funcionalidade, tem como

objetivo de direcionar os estudantes para um modelo que o mercado de trabalho julga ser perfeito, além disso, existe uma vigilância ao qual tem como objetivo o controle social.

Conhecer diferentes dispositivos é um modo de identificarmos as forças que são impostas não só para um único sujeito, mas para todos que compõe aquele lugar. A sala de aula, por exemplo, é composta por vários alunos e assim podemos enxergar que neles há uma singularidade como também uma multiplicidade. Podemos afirmar que nessa mistura se forma um conjunto heterogêneo de elementos que permeiam a vida do sujeito contido neste dispositivo. É nessa mistura de diferenças que vão se formando um novo sujeito, uma nova forma de ver o ensino naquele ambiente e é por isso que cada sala de aula será um novo desafio para os profissionais da educação, cada uma com sua particularidade. Portanto sabendo de todas essas forças contidas em sala de aula, fica mais fácil o professor buscar métodos adequados e formas que possam ser proveitosas no decorrer de sua aula, além disso, ter o conhecimento do real sentido da escola é estar um passo a frente de mudar alguns conceitos a respeito de cada aluno.

4 EXPERIÊNCIA, MARCAS E O CUIDADO DE SI

A experiência é vista como algo que não pode ser adquirida de qualquer forma ou em qualquer lugar. Para isso, Larrosa (2002) traz em seu trabalho, reflexões que possibilitam um olhar da experiência na vida de um sujeito. O autor aponta alguns fatos que impedem o sujeito de vivenciar a experiência, pois para obter experiência é necessário perceber e internalizar aquilo que acontece no território existencial em que está inserido.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que passa. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. [...] Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA, 2002, p. 21).

Ou seja, a experiência não pode ser adquirida de qualquer forma, para isso é necessário que a ação sofrida pelo sujeito seja absorvida de forma que transpasse o seu íntimo, isto é, tem que haver uma transformação no “eu” daquele que recebe a ação, fazendo assim que essa se torne mais um elemento em meio a tantos que constituem a sua subjetividade. O autor alerta também a escassez que o sujeito tem ao encontrar a experiência e para explicar o porquê dessa falta, Larrosa (2002) traz algumas razões que impossibilitam essa ação no subjetivo do sujeito.

A primeira se dá pelo excesso de informação. Segundo o autor:

A informação não é experiência. [...] não deixa lugar para a experiência, ela é quase contrário da experiência, quase uma antiexperiência. [...] a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. (LARROSA, 2002, pp. 21-22).

O autor se dirige a informação como uma forma de distrair o sujeito a conhecer a experiência, pois o mesmo se preocupa em ter informações, fazendo assim que se perca e não encontre o caminho para ser transpassado por aquilo que o rodeia. A informação deixa o sujeito preocupado em sempre estar por dentro de tudo o que passa, mas não dá espaço para a reflexão daquilo que está por perto. Larrosa (2002) exemplifica trazendo a ideia do que acontece na escola, onde o aluno escuta o professor falar, busca informações sobre o conteúdo estudado, porém nada acontece. É comum o aluno estudar para uma prova e poucos dias após

a aplicação o sujeito não lembrar ou saber o que fez, isto se dá pelo fato dele ter obtido informações e não experiência.

A segunda razão é definida pelo excesso de opinião. Este motivo faz com que o sujeito, ao sentir-se informado, crie conclusões próprias e se sinta capaz de opinar. Porém, essa opinião se desvincula muitas vezes daquilo que o sujeito é, ou seja, age de uma forma paralela daquilo que o mesmo acredita, pois é apenas um reprodutor de opiniões formadas por informações que surgem de alguns integrantes da população.

O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo que tem informação. [...] Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. [...] No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça. [...] O periodismo é a fabricação da informação e opinião. E quando a informação e a opinião se sacralizam, quando ocupam todo o espaço do acontecer, então o sujeito individual não é outra coisa que o suporte informado da opinião individual, e o sujeito coletivo, esse que teria de fazer a história segundo os velhos marxistas, não é outra coisa que o suporte informado da opinião pública. (LARROSA, 2002, p.22).

A opinião não deixa brechas para que o sujeito obtenha a experiência. Pois, além de estar preocupado em opinar, o sujeito busca informações para a fundamentação de sua opinião que por vez está relacionado com o periodismo, ou seja, tudo o que foi pesquisado e fundamentado tem um curto prazo de validade perdendo espaço para novas informações que aparecem. A partir disso, surge a terceira causa da antiexperiência: a falta de tempo.

A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio. O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. [...] Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. [...] E na escola o currículo se organiza em pacotes cada vez mais numerosos curtos. Com isso, também em educação estamos sempre acelerados. (LARROSA, 2002, p. 23).

A falta de tempo, ou o excesso de atividades exercidas pelo sujeito impossibilita o mesmo de pensar, de “parar” e sentir o que é importante para a sua vida, ocasionando um ser reprodutor daquilo que a informação e opinião lhe trazem. Segundo o autor a escola hoje é um exemplo de formadores de opinião, isso por causa do excesso de trabalho ou atividades que o currículo traz causando nos sujeitos que frequentam esse ambiente uma aceleração exagerada

daquilo que deve ser visto, fazendo assim que nada aconteça neste dispositivo. Está cheio de informações e para adquirir a experiência é preciso parar, refletir, e conhecer-se para que possam perceber o que acontece em sua volta e para isso é necessário o silêncio.

Um dos motivos da falta de tempo é o excesso de trabalho, e esse, segundo Larrosa (2002) é a quarta causa da antiexperiência.

O sujeito moderno, além de ser um sujeito informado que opina, além de estar permanentemente agitado e em movimento, é um ser que trabalha, quer dizer, que pretende conformar o mundo, tanto o mundo “natural” quanto o mundo “social” e “humano”, tanto a “natureza externa” quanto a “natureza interna”, segundo seu saber, seu poder e sua vontade. O trabalho é esta atividade que deriva desta pretensão. [...] Nós somos sujeitos ultra-informados, transbordantes de opiniões e superestimulados, mas também sujeitos cheios de vontade e hiperativos. E por isso, porque sempre estamos querendo o que não é, porque estamos sempre em atividade, porque estamos sempre mobilizados, não podemos parar. E, por não podermos parar, nada nos acontece. A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (p. 24).

O trabalho é algo essencial na vida do sujeito e isso acaba pesando de uma forma significativa quando falamos em prioridade na vida de um ser humano. Por isso, é comum encontrar pessoas que estão atarefadas e ocupadas demais para adquirir experiência, pois para isso, de acordo com Larrosa (2002), é necessário que haja um sacrifício por parte do sujeito em desapegar de determinadas coisas (informações, opinião, falta de tempo e excesso de trabalho) que possam impossibilitar esse experimento. É uma escolha que não é fácil ou simples em ser tomada, pois estas muitas vezes não deixam brechas para escolhas e isso acaba afetando de forma direta e constante a vida do sujeito.

Até aqui vimos os fatores que impedem o sujeito de conhecer ou experimentar a experiência. Agora iremos estudar o sujeito experiência e conseqüentemente os elementos que a compõem.

Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. [...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. [...] o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. (LARROSA, 2002, p. 24).

O sujeito experiência se abstém de determinadas situações que possam tirar suas oportunidades de fazer ou experimentar. É um ser calmo, compreensivo, silencioso, cauteloso que vive da melhor maneira consigo mesmo. Para tal feito, é necessário se desligar do periodismo e deixar-se ser tocado, sem que algo lhe atrapalhe ou imponha. É não se interessar em conhecer as coisas, mas ser livre em conhecê-las, não ir atrás do sentido, mas fazer ter sentido o que lhe acontece. É um desapegar de sua essência para conhecer novas forças que possam ultrapassar os limites daquilo que já se conhece, daquilo que todos fazem, dizem, agem. O sujeito experiência é um aventureiro que entra em diversas ocasiões causando-lhe consequências drásticas e dolorosas. Larrosa (2002) afirma que:

A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. [...] O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. [...] A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. [...] Em contrapartida, o sujeito da experiência é também um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido. Seu contrário, o sujeito incapaz de experiência, seria um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade. (p. 25).

Com todos esses elementos que constituem o sujeito experiência há uma “*enxurrada*” de forças que agem sobre o ser humano. Com isso, fica improvável que não haja uma transformação no sujeito, acarretando em mudanças que podem ser essenciais em sua vida.

Além das transformações, a experiência resulta muitas vezes em marcas que o sujeito carrega por muito tempo em sua existência e as vezes para sempre. As marcas, como dito, advêm da experiência são situações que acontecem em determinado lugar onde o sujeito percebe, sofre a ação e conseqüentemente introduz para dentro de si. Podemos dizer que as transformações são resultados das marcas que surgem na experiência. Rolnik (1993) traz que:

Ao longo de nossa existência inteira e em cada uma das dimensões de que ela vai se compondo, vivemos mergulhados em toda espécie de ambiente, não só humano. Proponho que consideremos o que se passa em cada um destes ambientes, e não apenas no plano visível, o mais óbvio, mas também no invisível, igualmente real, embora menos óbvio. Pois bem, no visível há uma relação entre um eu e um ou vários outros (como disse, não só humanos), unidades separáveis e independentes; mas no invisível, o que há é uma textura (ontológica) que vai se fazendo dos fluxos que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos, somando-se e esboçando outras composições. Tais composições, a partir de um certo limiar, geram em nós estados inéditos, inteiramente estranhos em relação àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura. Rompe-se

assim o equilíbrio desta nossa atual figura, tremem seus contornos. Podemos dizer que a cada vez que isto acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados, nos tornamos outros. Ora, o que estou chamando de marca são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir. (pp. 1-2).

As marcas são situações inéditas que ocorrem na vida do sujeito, desestabilizando-o e forçando o mesmo a mudar e isso traz uma nova postura, um novo modo de pensar, ou seja, em um novo “eu”. É um ciclo que enquanto o sujeito estiver adentrado em qualquer que seja o dispositivo, ele será marcado. São as marcas que fazem o sujeito lembrar, refletir, chorar. Esse último pode ter um contexto bom, mas vinda de uma experiência dolorosa, de algo que tenha agredido o deformando e formando novas características que podem ser superadas também por outras marcas e isso favorece a um ciclo onde ninguém consegue prever o final, ou seja, o seu devir².

Podemos dizer que as marcas é uma experiência dentro de outra experiência, sendo essa mais intensa, que desestabiliza aquilo que foi construído. Por exemplo, se pegarmos um sujeito que está próximo de se formar em um curso superior e o que falta é uma disciplina, mais precisamente o TCC (Trabalho de Conclusão do Curso), esse sujeito, provavelmente, terá que passar pela experiência, pois para a conclusão desse trabalho ele passará por algumas etapas, pois será necessário elaborar, planejar, refletir, deixar-se tocar pelas palavras, pelas experiências outras, discutir e defender o que foi absorvido.

Esta etapa, tem elementos que constitui a experiência, pois o sujeito sofre, cai, sente-se muitas vezes incapaz de concluir, mas sai com algo dentro de si. Desta experiência TCC, advém diversas marcas, como por exemplo, a decisão da banca. Este aluno pode vivenciar um dos momentos mais lindos de sua vida ao tirar um dez, porém pode se sentir triste, desmotivado e incapaz ao ser reprovado na disciplina. O fato de ser aprovado ou não, pode causar uma marca no sujeito ao lembrar-se do TCC. Pode ser reproduzida em seu corpo como algo positivo ou negativo e isso boa parte dos alunos levam para o resto de suas vidas ou até serem superadas por outras marcas.

² Discutiremos esse termo mais adiante.

Dentro dessas forças que impulsionam o sujeito na sua vida, existem fatores que fazem com que ele busque respostas sobre o que lhe acontece, mas para isso é preciso que o mesmo se conheça, reproduza a prática de si, pratique o cuidado de si.

O cuidado de si é um conjunto de práticas segundo as quais o sujeito vai se constituindo como sujeito de suas ações, sem a necessidade de imposição de códigos e leis, e pressões sociais e morais, ou seja, o indivíduo através de sua temperança constitui o seu próprio código moral e vive baseado nele, se construindo e re-construindo, formando-se e transformando-se, constantemente em seu devir. É a conquista da autonomia, onde o sujeito em seu plano de imanência reconhece as linhas de força, de subjetivação, que o tem como mira, mas também conhece a vontade de potência e de poder que o formam, portanto, agarra aquelas que o move, que deseja, e afasta as que o tira da trilha dos seus desejos, atualizando suas virtualidades imanentes. O sujeito é produto e produtor de si mesmo. (CAVAMURA, 2013, p. 1).

O cuidado de si traz para o sujeito a possibilidade de identificar as linhas de forças que o atingirá. É a percepção daquilo que está em sua volta. Com isso fica mais fácil o sujeito resistir a determinadas situações, possibilitando assim a permanência ou não da sua singularidade.

Diante de tantas subjetivações impostas no dispositivo, esse carregado de normas, o sujeito que pratica o cuidado de si tem ao seu favor a percepção do que de fato quer para sua vida. É um sujeito livre, mas com suas singularidades, ou seja, é um ser que não vai com a manada, ele pensa, se ocupa consigo e isso faz com que ele perceba o que lhe acontece. As subjetivações, as experiências e as marcas muitas vezes desestabilizam o sujeito e o deixam sem chão.

A prática do cuidado de si faz com que o sujeito ache motivos e condições para continuar. É obter o controle de sua vida, do que quer, embora tantas coisas e lugares lhe impõem coisas diferentes. Como a autora disse é uma prática que requer tempo e reflexão. Às vezes o sujeito conhece mais o outro do que a si mesmo e acabam introduzindo sonhos, paixões que pertencem a outros. Cavamura (2013) traz que é preciso se colocar em primeiro plano para que depois possam vir os outros. É a prática de cuidar-se primeiro para depois cuidar do outro.

O cuidado de si, para Epicteto, é um privilégio-dever, um dom-obrigação que nos assegura a liberdade obrigando-nos a tomar-nos nós próprios como objeto de toda a nossa aplicação. [...] É um princípio válido para todos, todo o tempo e durante toda a vida. (FOUCAULT apud CAVAMURA, 2013, p. 2).

É um processo que liga o sujeito do outro, onde reflete diretamente nas duas partes. O modo ao quais essas medidas vão criando forma, fortalecendo o sujeito e aqueles que estão ao

seu redor. Hoje é notória a percepção de pessoas perdidas sem nenhuma autenticidade, presa naquilo que o atacam. Para isso, o sujeito que se cuida, conseqüentemente cuidará do outro. O cuidado de si controla as subjetividades, as conseqüências trazidas pelas experiências e marcas. Portanto, há uma relação entre esses três pontos que quando se cruzam introduzem uma concepção nova e faz um sujeito novo transformando assim em seu devir.

5 DE VIR PROFESSOR DE MATEMÁTICA

As subjetivações, os modos de subjetivações, as experiências, as marcas e o cuidado de si são elementos que compõem o sujeito e são através desses elementos que ele vai se constituindo.

Exemplificando essa situação, o sujeito pode ser comparado com um livro, porém mesmo antes de existir já se tem algo notado, escrito, desenhado sendo isto feito e com autoria de outras pessoas, por exemplo, dos seus pais. No início de sua existência o sujeito vai adentrando em alguns dispositivos. Normalmente, ou o mais comum, o dispositivo família é um dos primeiros, se não o primeiro a agir e sobrepor normas sobre o sujeito. Nesta condição, o bebê ainda sem noção de domínio ou de controle, vai reproduzindo os ensinamentos vindos de seus pais ou responsáveis. Nesta etapa a criança vai se (re)construindo, o livro vai sendo preenchido com sua autoria, embora não se tenha noção do que passa, o sujeito vai recebendo as subjetivações, as experiências e isso vão sendo internalizado e conseqüentemente formando-o, transformando, ou seja, vai formando o seu devir.

Lembrando que o devir não é uma identidade e sim uma vida interpretada e traduzida por vários momentos, sejam com suas singularidades e multiplicidades, sendo essas obtidas com o contato com o outro. Então como tudo isso é obtido muito cedo, não há como saber quando começou e como começou, assim como irá terminar. O devir de um sujeito é obtido em diferentes dispositivos que como objetivo, agem sobre o mesmo com as subjetivações, experiências e marcas. O devir seria a página atual ao qual representa o sujeito, cheia de rabiscos, de corretivos, de tracejes, de grifos.

O devir “não tem um objetivo, não tende a um final, não é um processo para um ser, pois se fosse já teria alcançado seu objetivo” (DELEUZE apud VAZ, 2012, p. 4). O devir representa o meio, ou aquilo que está acontecendo. Modifica-se na medida em que as linhas de forças vão atingindo o ser humano. Por isso, não se pode ter algo definido, acabado, engessado.

Vaz (2012) traz esse pensamento em seu trabalho sobre o sujeito professor:

‘Ser professor’ é uma profissão que assumimos, assim como inúmeras outras possíveis ao longo de uma vida. Ainda assim, podemos inventar possibilidades de não deixarmos que o ‘ser professor’ se torne identidade fixa, de entendermos nossa vida como um constante processo formativo onde o professor não é existência (ser), é acontecimento; não é identidade, é devir, é alguém que constrói lugares ao invés de somente habitar espaços inventados por outrem (p. 9).

A autora descreve o ser professor como um sujeito inconstante, onde não pode ser um mero reprodutor de ideias estabelecidas por outro. É acima de tudo, um ser que está submetido ao novo, sendo esse carregado de experiências e marcas.

Queiroz (2015) nos traz uma experiência vivida com alguns estudantes de licenciatura, cujo objetivo era ver suas práticas em sala de aula. Através disso, refletir o professor de matemática de uma forma mais abrangente, ou seja, indagar sobre a prática ideal, a construção do professor de matemática, descrever o devir professor de matemática. A pesquisadora buscou enxergar nesses licenciandos as concepções que eles tinham a respeito à docência. Observou como eles “viam” a matemática e como a compreenderam. Nesta perspectiva, a pesquisadora busca através da Filosofia da Diferença, explicar através dos mapas narrativos o que cada aluno trás consigo em sala de aula e que remete na sua prática, ou seja, as subjetivações que ocorreram e afetaram diretamente o modo de pensar matemática naqueles sujeitos.

O devir está relacionado também à experiência que o sujeito tem em suas diversas atividades no seu dia a dia. São as experiências adquiridas que formam a concepção que o sujeito tem sobre si. A partir disso, o seu comportamento se adequa conforme o que a vida lhe oferece. Por isso o devir é sempre inconstante, não há uma verdade absoluta, uma ideia produzida perpétua que o conduzirá até o fim. Contextualizando essa ideia, Queiroz (2015) afirma que:

No momento em que esses licenciandos estão lecionando, observam que experiências outras, não ligadas diretamente ao contexto de sala de aula, vivenciadas em outros dispositivos, não ficam fora da sala de aula, mas, sim, fazem parte de um eterno retorno ao movimento de inventar-se professor de Matemática. São inseparáveis do sujeito e, à medida em que atua como professor, novas experiências são acrescentadas às antigas, havendo uma cisão, fusão, fissão, ruptura, entrelaçar, enfim um movimento do devir professor de Matemática. Os fluxos de força que percorrem uma sala de aula, as marcas dos sujeitos – alunos e professores –, o mero contato entre sujeitos já os afetam mutuamente. Fluxos de forças, marcas e afetações (2015, p. 165).

O devir professor de matemática, como o próprio nome diz, traz um sujeito professor de matemática com suas subjetivações vindas das experiências e marcas obtidas no decorrer de sua caminhada profissional e pessoal. Embora o sujeito traga experiências alcançadas em seu contexto o devir não é uma repetição de alguma prática, mas algo novo pensado e reproduzido de acordo com a realidade de cada um. Assim, o professor vai se moldando, se aperfeiçoando, se localizando até chegar ao professor “ideal” para determinadas situações ou até mesmo para cada turma. Para que isso aconteça, requerem do profissional muito tempo e dedicação. São duas coisas que parecem estar longe uma da outra. É comum ouvir desses

profissionais que é impossível unir ou se ter essas duas coisas nesta área. Ou se tem um pouco de tempo ou dedicação. Com isso, muitos profissionais não conseguem fazer ou alcançar os seus objetivos como professor, pois a arte de se fazer entender ou de conseguir entender a turma fica cada vez mais difícil por não ter tempo de refletir e raciocinar o que se passa naquele ambiente que no caso seria a sala de aula, nessa condição Larrosa (2002) julga ser improvável que alguém possa absorver de modo significativo a experiência que o ambiente oferece para o sujeito.

As variações do devir professor são constantes, pois o simples fato desse profissional se locomover de uma turma para outra requer uma nova situação ou um novo professor, isto é, cada turma é composta por pessoas diferentes que assimilam de diferentes formas os conteúdos propostos. Para isso, o professor tem que estar ativo percebendo as dificuldades suas para que haja uma mudança trazendo assim benefícios e resultados para si e para os outros, que neste caso seriam os alunos.

É preciso achar a matéria da qual tratamos, a matéria que abraçamos, fascinante. Às vezes, temos de nos açoitarmos. Não que seja desinteressante, a questão não é essa. É necessário chegar ao ponto de falar de algo com entusiasmo. O ensaio é isso. Eu precisava menos disso. E as aulas são algo muito especial. Uma aula é um cubo, ou seja, um espaço-tempo. Muitas coisas acontecem numa aula.... Uma aula é algo que se estende de uma semana a outra. É um espaço e uma temporalidade muito especiais. ... Mas há um desenvolvimento interior numa aula. E as pessoas mudam entre uma semana e outra. O público de uma aula é algo fascinante (DELEUZE apud QUEIROZ, 2015, p. 163).

O ser professor é uma peça chave de um quebra cabeça que envolve culturas, normas, pessoas e etc. Assim, é um campo amplo que implica em profundas relações desse sujeito com os mais variados elementos que compõem uma diversidade obtida no passado, presente e futuro. Em uma sala de aula contém vários alunos e cada um deles representa essa diversidade. Como visto a aula em si é algo fascinante no sentido de trazer uma bagagem diversificada de sujeitos que estão sempre em uma transição de características. Porém, tudo isso é desafiador, pois atender a todos de maneira satisfatória onde haja uma compreensão de todos para aquilo que esteja sendo dito é difícil, pois como se trata dessa diversidade a linguagem trabalhada em sala pode ser aceita por um, mas não por outro. “O professor, nesse instante, não busca o encontro com o ‘ser’, ele necessita do acaso, que não é dispersão porque vai ao encontro de uma necessidade de diferença” (VAZ, 2012, p. 5). O professor deve entender isso e buscar se adaptar as realidades impostas no dia a dia. Para isso, este profissional deve entender o que acontece na sala de aula, assim como deve refletir sobre suas

práticas pedagógicas. Através dessas reflexões, o professor deve ir se transformando e buscando resposta que correspondam as expectativas dos estudantes.

A profissão de professor, em muitos momentos é tomada por turbilhões de incertezas, por vezes dolorosas, que nos fazem nutrir uma espécie de náusea. Entre as certezas de ‘ser professor’, enquanto profissão assumida indiscutivelmente, explodem diferenças, as quais nossa formação acadêmica não traz garantias de soluções. Na escola, nem todas as coisas funcionam como planejamos e isso faz com que vivamos momentos já não tão tranquilos quanto pareceria caber a uma fixidez de ‘ser professor’ (VAZ, 2012, p. 2).

Vaz (2012) mostra uma das dificuldades do professor, e essa dificuldade é apresentada apenas quando o sujeito tem o contato direto com a sala de aula. A partir disso, o sujeito professor terá de fato a realidade a mostra e é nesse encontro que será necessário construir um planejamento que muitas vezes foge do contexto histórico do sujeito.

Inventar modos de existir professor não significa abandonar tudo o que já se sabe para encontrar novos conhecimentos mais adequados. Os próprios conceitos que já possuímos nos servem como possibilidades de encontros com outras experiências. Não se trata de um abandono, mas de uma reterritorialização (VAZ, 2012, p. 3).

O existir mostrado pela autora remete em um professor que saiba ser notado pela turma através de sua prática. Isso requer um processo de reterritorialização³, ou seja, o sujeito embora tenha que buscar novos horizontes para alcançar o objetivo do ensino, deve olhar as suas potencialidades e juntar o que pode ser útil ao novo que atenda as necessidades do seu público: o aluno.

Portanto, o devir professor de matemática é uma junção de elementos que o sujeito carrega não apenas no âmbito escolar, mas em todo ambiente social. É uma construção de um plano de imanência que com o passar dos anos, no encontro com o outro e nas experiências perpassadas vão construindo, tomando ~~forma~~ a cada necessidade que o professor passa. Assim, pode-se se imaginar a subjetividade, as experiências e marcas obtidas em variados dispositivos como elementos que compõem o devir.

³ “[...] reterritorialização é o movimento de construção do território.” (HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 8).

6 METODOLOGIA

A presente pesquisa buscou verificar alguns conceitos que compõem o sujeito em sua subjetividade. Ou seja, iremos descrever o devir de um licenciando em matemática da Universidade Federal de Pernambuco, no Centro Acadêmico do Agreste. Para isso, temos uma pesquisa de caráter qualitativo, pois este tipo de trabalho:

[...] deve ter por trás uma visão de conhecimento que esteja em sintonia com procedimentos como entrevistas, análises de vídeos, etc. e interpretações. O que se convencionou chamar de pesquisa qualitativa, prioriza procedimentos descritivos à medida em que sua visão de conhecimento explicitamente admite a interferência subjetiva, o conhecimento como compreensão que é sempre contingente, negociada e não é verdade rígida. (BORBA, 2014, p. 2).

Classificamos nossa pesquisa como qualitativa por entender que ela atende a característica de uma pesquisa tipicamente com caráter descritivo de participantes, não se preocupando em buscar generalizações e sim especificidades do sujeito.

É importante informar que o tipo de pesquisa aqui pretendido é o estudo de caso, pois:

[...] o estudo de caso como modalidade de pesquisa é entendido como uma metodologia ou como a escolha de um objeto de estudo definido pelo interesse em casos individuais. Visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações. (VENTURA, 2007, p. 384).

O estudo de caso busca desenvolver conceitos acerca do indivíduo, trazendo informações particulares que leva o pesquisador a uma análise do objeto de pesquisa, seja ele unitário (uma pessoa) ou múltiplo (grupo de pessoas) e os relacionam de acordo com as circunstâncias do trabalho.

Para realização da pesquisa, foi selecionada uma turma de licenciatura em matemática mais precisamente do sétimo período, pois acreditamos que os alunos matriculados nessa sala têm uma maior possibilidade de está atuando em alguma escola, assim podendo trazer mais detalhes sobre o seu devir. Tivemos 22 participantes que se encontravam em diferentes semestres onde se prontificaram em responder um questionário com 6 perguntas, com características subjetivas que proporcionaram uma análise mais profunda sobre cada sujeito.

Após a aplicação do questionário, verificamos suas repostas e selecionamos um estudante dessa turma para participar do mapa narrativo, pois presumimos que assim poderíamos trazer mais detalhes sobre a trajetória desse licenciando, além disso analisou-se a disponibilidade que cada pessoa tinha em fazer parte desse trabalho. O mapa narrativo consiste numa junção de entrevista semiestruturada mais um desenho que o participante faz enquanto é entrevistado. É comum encontrarmos essa ferramenta nas cartografias, já que essa

muitas vezes requer respostas mais detalhadas. O mapa narrativo incide em identificar os caminhos que o sujeito passou no decorrer de sua existência, revelando assim suas subjetivações, suas experiências, suas marcas e conseqüentemente o seu devir.

Na descrição e discussão dos resultados o pesquisador selecionou as questões que pudessem trazer boas reflexões, para que o trabalho se tornasse mais interessante. Foi usado um nome fictício para o sujeito da pesquisa: Nicolau Copérnico⁴. Este nome é de um matemático polonês, astrônomo que dividiu sua vida se dedicando a matemática e a serviço da igreja, características parecidas com as do estudante selecionado.

Usamos a Filosofia da Diferença para descrever os movimentos que perpassam esse sujeito e os conceitos que compõem o seu devir.

O questionário foi composto com perguntas, onde tivemos um objetivo para cada uma delas.

Quadro 1: Questionário para seleção do sujeito.

QUESTÕES:	OBJETIVOS:
Q.1 Tem experiência em sala de aula? () Sim () Não	Identificar em qual ponto a experiência modifica o modo de pensar do profissional.
Q.2 Por que escolheu a docência?	O intuito foi saber o que levou o licenciando a escolher a docência. Em qual dispositivo o licenciando(a) despertou essa vontade e dentro deste dispositivo saber as relações de forças que agiram e influenciaram na escolha deste estudante.
Q.3 Por que decidiu cursar licenciatura em Matemática?	Identificar os modos de subjetivação e os dispositivos que o sujeito adentrou.
Q.4 Como era a Matemática para você no Ensino Básico?	Descrever a relação do sujeito com a matemática no ensino básico.
Q.5 Alguma aula de Matemática do	Saber se alguma aula ficou marcante na

⁴ Biografia disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/nicolau-copernico/> Consultado em: 10 jun. 2019

Ensino Básico lhe marcou? Por quê?	vida do sujeito. Essa pergunta também tem a função de averiguar a importância da prática docente.
Q.6 Como você imagina que seus familiares e amigos lhe veem como docente em Matemática?	Averiguar qual seria a visão da família e amigos a respeito dessa escolha.

Fonte: Dados da pesquisa

Procuramos dividir a entrevista em cinco módulos (Você, Matemática, Casa/Família, Professor e Futuro), onde na medida em que o sujeito respondesse os questionamentos, o mesmo iria reproduzindo em um papel a parte, um desenho sobre cada módulo de acordo com a sua ótica. O quadro da entrevista foi estruturado da seguinte forma:

Quadro 2: Questionário para entrevista.

DESENHO	QUESTIONAMENTOS	OBJETIVO
Você	Como você se descreveria (como pessoa)?/ Quem é você?	Fazer o sujeito refletir sobre o seu “eu”.
	Acha-se muito exigente consigo ou considera-se tranquilo/a?	Verificar o nível de exigência estabelecido para si.
	O que gosta de fazer?	Conhecer suas atividades.
	Responda com uma única palavra: Sonho... Felicidade... Tristeza... Medo... Futuro... Dificuldade... Professor... Passado... Família... Matemática...	Instigar o sujeito a responder de forma espontânea a algumas palavras que normalmente remete a reflexões.
	Como você era, como aluno, no ensino básico?	Saber a sua experiência como aluno.

	Que professor/a do ensino básico foi para você um exemplo? De que disciplina? Por que foi um exemplo?	Identificar possíveis subjetivações, experiências e marcas.
	Qual professor/a do ensino básico foi um contraexemplo? O que aprendeu com ele?	
Matemática	Por que decidiu fazer licenciatura em matemática? Gosta de matemática? Sempre gostou?	Averiguar a relação do sujeito com a matemática.
	O que acha do seu curso?	Verificar a satisfação do sujeito com o curso.
	Como se sente sendo estudante da licenciatura de matemática da UFPE?	
	O que seus pais disseram quando você passou neste curso?	Identificar as possíveis linhas de força sobre o sujeito.
Seus amigos comentam algo a respeito de você estudar matemática?		
Casa/família	Mora longe da universidade? Como faz para vir às aulas?	Verificar os discursos dentro de outros dispositivos.
	Quem mora com você?	
	Tem quantos irmãos/irmãs?	
	O que acha de sua casa/família?	
	Eles apoiam a sua escolha profissional?	
	Como você acha que seus familiares o veem? Algo mudou quando você passou a cursar licenciatura em matemática?	
Professor (a)	O que passou por sua cabeça, antes da primeira aula?	Identificar seus medos e suas expectativas.
	No que pensou para elaborar a sua primeira aula?	
	Algo, em você, modificou após ministrar sua primeira aula?	Averiguar as relações de forças contidas contra o sujeito da pesquisa em sua primeira aula.
	Acha que conseguiu alcançar seus objetivos?	Identificar se há uma satisfação na sua prática docente.
	Conseguiu se identificar com o/a professor/a que admira?	Verificar as subjetivações

		advinda de outros profissionais.
	E na aula seguinte, qual a sua sensação? Acha que conseguiu alcançar seus objetivos?	Averiguar se houve mudança na sua prática de uma a outra.
	Ensinar matemática é como você imaginou?	Identificar o sentimento do docente ao ter contato com a turma e se existe uma consonância entre expectativa e realidade.
Futuro	Você tem planos para seu futuro profissional? Quais são?	Identificar metas e sonhos que tenham relações com a matemática dentro de sua jornada estudantil.
	Comparando você antes com agora acha que mudou muita coisa? Como o quê, por exemplo?	

Fonte: Dados da pesquisa

7 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a descrição de dados foram selecionadas algumas questões, sendo essas as que o sujeito da pesquisa se sentiu mais confortável em expressar detalhes. Como as perguntas são de caráter subjetivo, o pesquisador buscou na entrevista não invadir a particularidade do sujeito, pois isso poderia acarretar em situações desconfortáveis, podendo haver uma má interpretação entre eles. Todas essas respostas descritas são palavras ditas espontaneamente pelo sujeito da pesquisa, pois o que consta, a cartografia deve ser reproduzida assim, onde o sujeito deve se sentir à vontade na entrevista enquanto o pesquisador vai marcando e sentindo na fala os pontos marcantes na vida desse sujeito.

Começando nossa viagem ao então desconhecido...

Pesquisador: Como você se descreveria como pessoa?

Nicolau: *Eu acho que sou uma pessoa que vejo o bem comum diante das diversidades da vida e busca sempre achar a melhor solução para que fique melhor para todos os lados. Uma pessoa que gosta de praticar a igualdade, lutar pela felicidade dos outros e de certa forma, mostrar um pouco do que eu sei para os outros, tanto como profissional, quanto como evangelizador. Mostrar a importância dos dois através de algum contexto praticando a espiritualidade.*

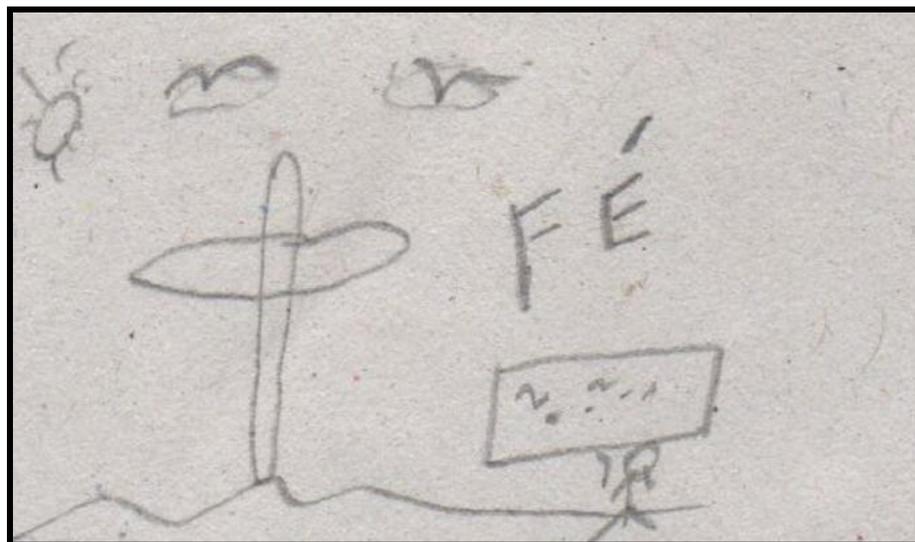
Nicolau inicia a entrevista com um raciocínio interessante acerca de como olhar e encarar as situações vindas da vida. Até então uma pergunta que busca descrever o sujeito e suas práticas.

Nesta fala, há uma relação do sujeito com o outro, onde Nicolau traz consigo elementos que definem o cuidado de si. Fala franca de quem se conhece, e de quem sabe o que se passa ou que se passou e conseqüentemente o que ficou. Além disso, o cuidado de si não está relacionado apenas em cuidar de si, mas também em um processo de cuidar do outro, de buscar o bem comum. É algo automático, na medida em que há esse cuidado consigo haverá também o cuidado com outro.

Fica claro também que Nicolau adentrou e continua frequentando o dispositivo igreja, pois em sua fala mostra uma admiração e uma prática que o relaciona totalmente com essa crença.

Pesquisador: Por que você fez esse desenho?

Figura 1: Religião



Fonte: Dados da pesquisa

Nicolau: *Eu acho que representa, como falei no início... eu me identifico muito, (religião) eu gosto de certa forma deixar a mensagem de quem evangeliza outras pessoas. Gosto de deixar isso claro porque tá dentro do meu eu. Pelo que eu passei eu tenho uma dívida em semear e espalhar o amor daquilo que Cristo fez na minha vida. Eu sempre fui apaixonado em ensinar os outros, tanto na disciplina de matemática, quanto na religião. Metade e metade.*

A religião é algo forte na vida de Nicolau, pois o mesmo traz palavras fortes que embora não o definem permanentemente, traz uma representação interessante em seu devir. Isso pode ser mudado no decorrer dos anos, mas naquele mapeamento existencial, a religião transcende este indivíduo, “*Gosto de deixar isso claro porque tá dentro do meu eu*”. Com certeza, uma característica subjetiva, adquirido através das subjetivações contidas no dispositivo igreja. Além disso, a frase “*Pelo que eu passei eu tenho uma dívida em semear e espalhar o amor daquilo que Cristo fez na minha vida*” mostra uma situação, onde o sujeito passou por alguma dificuldade e crer que houve uma intervenção de algo superior acarretando-o a acreditar que há uma dívida, e através de suas boas ações e propagando essa experiência aos outros, o mesmo acredita que está pagando ou retribuindo a “graça” que recebeu.

É comum encontrar sujeito com esse discurso, independente de sua religião, há uma relação entre aquilo que foi vivido com intensidade com algo que embora não se vê está localizado no interior dessas pessoas. É um elemento tão forte no sujeito que o mesmo retribui com muita alegria e satisfação. É por vezes a “causa” da felicidade na vida dessas pessoas. Ter o “Cristo” presente neles é um dos motivos aos quais movem o desejo do sujeito.

E tudo isto tem origem dentro de um dispositivo, onde há uma experiência que faz o sujeito absorver as subjetivações e esse a introduz para si através de suas reflexões e nesta o mesmo escolhe o que fará parte da sua verdade, da sua singularidade, do seu devir. Nicolau divide o seu desejo de ensinar, tanto na parte religiosa quanto na matemática, “*Eu sempre fui apaixonado em ensinar os outros, tanto na disciplina de matemática, quanto na religião. Metade e metade*”. A escolha pela licenciatura em matemática vem pelo desejo de ensinar aos outros. Vimos nesta parte da fala outra experiência que resultou em uma escolha na vida desse sujeito.

A partir do contato com o outro na prática de ensino, Nicolau decidiu a sua profissão, fator esse essencial na vida de qualquer sujeito. As decisões dizem muito sobre o sujeito, pois essas advêm de forças que foram sobrepostas na vida dele. Assim, o ato de ensinar está marcado em uma experiência que o mesmo teve transformando-se em um desejo.

Pesquisador: Responda com uma única palavra:

Sonho: *Ser feliz!*

Felicidade: *Família!*

Tristeza: *Decepcionar os outros!*

Medo: *Não tenho!*

Futuro: *Concluir Graduação!*

Dificuldade: *Tempo!*

Professor: *Profissional!*

Passado: *Árduo!*

Família: *Boa!*

Matemática: *Paixão!*

Dessas respostas, destacam-se algumas: a primeira seria em relação ao sonho de Nicolau onde o mesmo responde: “*Ser feliz!*”. Queiroz (2015) afirma que “Somos movidos pelo desejo”, ou seja todo sujeito é movido, subjetivado por aquilo que deseja, tudo parte desse princípio e é nessa felicidade buscada por ele que terá alguns motivos e caminhos a serem trilhados, ou seja, é o motivo inicial de tudo.

A felicidade é definida por Nicolau como “*Família!*”. Construir e preservar o ambiente familiar são desejos comuns na vida de um sujeito, não necessariamente uma regra, mas que estão presentes em um planejamento de vida do sujeito. Aliás, o dispositivo família é um dos primeiros que o sujeito adentra, assim há uma relação de subjetivação muito forte, trazendo assim uma espécie de exemplo a ser seguida e construída ao longo de sua existência.

Em relação à tristeza, Nicolau diz que essa se resume em “*Decepcionar os outros!*”. A ideia de não decepcionar aqueles que estão a sua volta traz na conduta de um sujeito muita cautela e cuidado com o outro, mas para isso o sujeito tem que se conhecer para entender em quais situações ocorrem tal desequilíbrio que chegue a atingir alguém. É o cuidado de si que proporciona esse cuidado com o outro através do governo de si. Nicolau apresenta-se como um sujeito que se conhece que age com cautela e que busca sentir-se e fazer o outro bem.

O entrevistado define o professor como “*Profissional*”. Para Nicolau o profissional que não representa apenas uma profissão, mas aquele que representa a sua profissão. O fato de conhecer bem os detalhes que cercam esse profissional faz com que Nicolau tenha uma percepção do que representa essa profissão trazendo-a como ponto determinante no seu devir.

Ao definir passado, o sujeito termina como “*Árduo!*”. O passado de Nicolau foi vivenciado através de experiências que o marcam e fazem dele o que é. Em sua fala o mesmo traz situações ao qual o coloca a prova exigindo dele muitas situações desconfortáveis e tristes. Porém foram através de tais situações que esse sujeito foi criando e alimentando seus desejos e sonhos.

Por último, a Matemática representa para esse sujeito a “*Paixão*”. Podemos pensar que Nicolau se refere a Matemática como algo que oferece prazer, trazendo para si momentos significativos, construindo nele novos horizontes que conseqüentemente afeta diretamente o seu devir.

As definições obtidas por Nicolau incluíram várias percepções atingidas pela ótica do sujeito nos mais variados dispositivos. Apesar de ser definida em apenas uma palavra, o sujeito traz respostas que interligam com suas colocações anteriores. O participante não contradiz a respeito da valorização da família, do bem querer ao próximo e do afeto pela matemática. São elementos que o representam, embora seja naquele momento da entrevista, mas tem forte representação em sua vida.

Pesquisador: Que professor do ensino básico foi para você um exemplo?

Nicolau: *Eu vou citar dois:*

Eu gostava desse por sua dinâmica em sala de aula e mostrar que é possível chegar lá. Me espelhei nele e ele tem um carinho especial por mim. O outro disse que eu não conseguiria fazer faculdade. Não iria conseguir uma graduação que para ele é como se eu tivesse fazendo por status. E não era. Eu gostava e tinha facilidade de aprender as coisas. Eu estou chegando lá para mostrar a ele não por tristeza ou inferioridade, mas com pensamento que é possível. No começo foi para mostrar a ele que é possível chegar lá.

Nicolau mostra em sua fala duas experiências completamente diferentes. Embora no mesmo dispositivo, dois professores proporcionaram situações que possibilitam subjetivações. Fica nas mãos do sujeito ser subjetivado ou não, tanto por uma, quanto por outra.

Para o primeiro caso que Nicolau traz, o mesmo foi subjetivado pela aula que o sujeito julga ser boa. Para saber se houve subjetivação, basta observar essa frase: *“Me espelhei nele”*. Nicolau mudou ou acrescentou em sua prática o modo que aquele professor ministrava a aula. No outro caso, embora tenha ocorrido no mesmo ambiente, mas com contexto diferente, o graduando não aceitou aquilo como sua verdade, dobrou a força e superou essa situação e fez com o intuito de mostrar que aquele professor estava errado. *“Eu estou chegando lá para mostrar a ele não por tristeza ou inferioridade, mas com pensamento que é possível. No começo foi para mostrar a ele que é possível chegar lá”*. Este é um exemplo da multiplicidade contida no entrevistado.

São essas as situações que vão dando traços ao sujeito, vão trazendo curvas que dão sentido a suas verdades e posteriormente fazendo parte do seu devir. São duas situações onde o sujeito sabe que está sendo subjetivado, não com o pensamento da palavra propriamente dita, mas sabe que aquilo pode refletir em suas ações no futuro. Na primeira o sujeito percebeu e aceitou ser subjetivado, na segunda ele percebeu, mas não aceitou aquilo como sua verdade, trabalhou, estudou e conseguiu mostrar que o professor errou ao julgar o seu futuro.

Pesquisador: Por que decidiu fazer licenciatura em matemática? Gosta de matemática? Sempre gostou?

Nicolau: *Porque eu sempre tive uma facilidade, achava que tinha uma facilidade para entender o conteúdo. Sempre gostei de me desafiar, pegar a questão que estimulasse o desejo de aprender a matemática, se questionar qual o pensamento que vou usar pra resolver isso. As vezes vimos uma questão que achamos ser fácil, mas na verdade não é e requer um pensamento matemático que quebra aquilo que você achava fácil. Sempre gostei de me desafiar. Gostava muito de cálculos e de aprender suas definições.*

Ainda na educação básica, o sujeito desenvolve habilidades em determinados componentes curriculares. Isto pode ser desenvolvido por diversos fatores. O simples fato de Nicolau gostar de matemática pode estar relacionado a sempre buscar resposta para sua vida. Por ser um componente curricular estratégico e desafiador, o graduando pode ter se sentido desafiado e isso era uma prática comum na vida desse sujeito. Além disso, na fala de Nicolau com o professor que o menosprezou, esse sujeito afirma que iria mostrar a ele que conseguirá

tudo o que almejava. Portanto, existem duas boas justificativas que podem ter ações direta ou indireta na escolha de Nicolau em cursar licenciatura em matemática.

Pesquisador: Como se sente sendo estudante da licenciatura de matemática da UFPE?

Nicolau: *De forma louvável. Porque é um curso que tem nome onde de certa forma já conta um pouco para o currículo... de certa forma sai na vantagem pela história do campus pela sua bibliografia e deixa marcas sabe ser diferenciada, dentro de seus limites e suas realidades, acho que sai na frente. Uma faculdade que dá muita oportunidade pra você aprofundar os seus conhecimentos. Uma preparação muito boa!*

As universidades tem um papel importante na vida de um sujeito, pois são responsáveis pelos sonhos que muitos buscam alcançar. Nesta condição, há um desdobramento de forças de muitos sujeitos para que possam se ingressar e posteriormente concluí-la. Se tratando de uma Universidade Pública esse desejo pode ser ainda maior, pois como Nicolau diz, “[...] é um curso que tem nome onde de certa forma já conta um pouco para o currículo”. Esse pensamento não é apenas desse sujeito, pois boa parte da sociedade tem esse discurso, onde alunos de Universidades são mais preparados para suas devidas profissões. Portanto, as Universidades conseguem subjetivar o sujeito pelo simples nome e pela sua história, fazendo com que o graduando tenha o desejo de nela estar.

Pesquisador: O que seus pais disseram quando você passou neste curso?

Nicolau: *A minha família dentro de minha realidade nunca me impôs nada. Até achavam que a conclusão do Ensino Médio já era o suficiente. Por causa da realidade do pouco nível de escolaridade, mas quando disse que iria fazer matemática a maioria me apoiou porque sabiam que eu gostava e eu tirava muitas notas boas. Os professores sempre me elogiavam e isso me fez escolher esse curso.*

Nicolau foi um sujeito livre para as suas escolhas e isso requer do sujeito o conhecimento de si para ir em frente com os seus ideais. Muitos alunos quando saem do Ensino Básico se perdem nas escolhas que fazem para a sua vida profissional. Para Nicolau o fato dos pais não interverem nessa escolha fez com que ele optasse por algo que o subjetivasse, levando assim esse sujeito a uma satisfação profissional. Em suas falas é fácil notar o desejo que ele têm de ensinar e de cursar a licenciatura em Matemática.

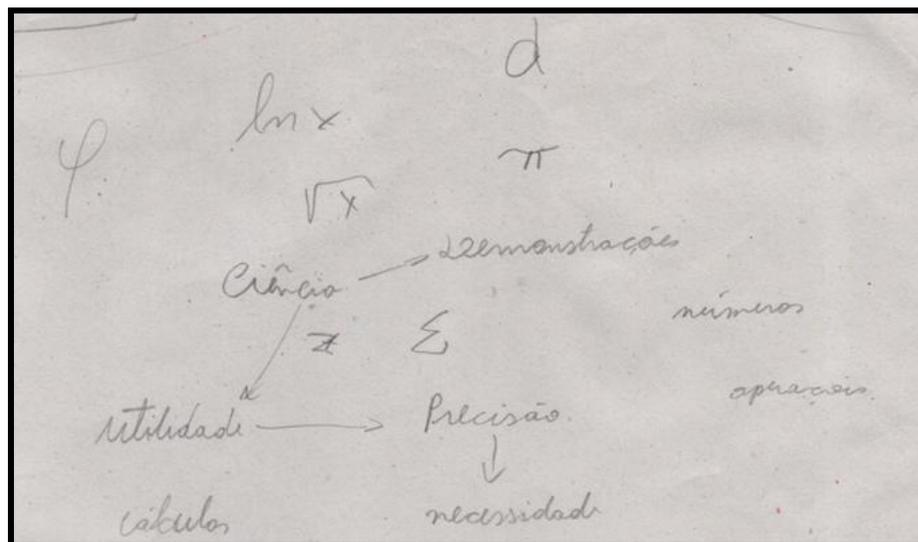
Pesquisador: Seus amigos comentam algo a respeito de você estudar matemática?

Nicolau: *Me questionavam por que iria fazer matemática. Quando eu estava decidindo fazer matemática, eles falavam muito: rapaz você é doido, professor não ganha dinheiro, mas era um sonho, acho que você faz aquilo com amor o dinheiro não importa, ajuda, mas não é tudo. Você tem que se realizar com aquilo que você quer, aquilo que é o seu sonho! Muitos deles vejo fazendo esse mesmo curso (Matemática).*

Nicolau mais uma vez traz o que mais deseja pra si: A vontade de ensinar matemática. Essa escolha foi feita com muita convicção. Em todas as suas falas, com vários dispositivos adentrados, este sujeito se comporta e traz o seu sonho em ser professor em primeiro lugar. Foi tratado mal pelo professor da disciplina, foi questionado pelos professores e levou isso até o dia no qual foi entrevistado. São as decisões, mudanças e a certeza do que o sujeito quer que estão levando Nicolau a concretização de seu sonho. A paixão pela matemática é algo que o transpassa e que faz seguir em frente, se fortalecendo daquilo que ficou pra trás e se alimentando de seus anseios.

Pesquisador: E esse desenho que você expressou da Matemática?

Figura 2: Matemática



Fonte: Dados da pesquisa

Nicolau: *São coisas que definem para mim a matemática. Primeiro eu coloquei a simbologia: delta derivada, o símbolo que representa a matemática sempre e o LN de x. Eu coloquei o somatório no meio por que soma tudo isso. Isso é matemática, o FI que pode ser uma função, e eu gosto de função é uma das coisas que eu mais gosto de estudar. Então tudo. É uma ciência com suas demonstrações, pela sua precisão, a necessidade dos cálculos. É uma*

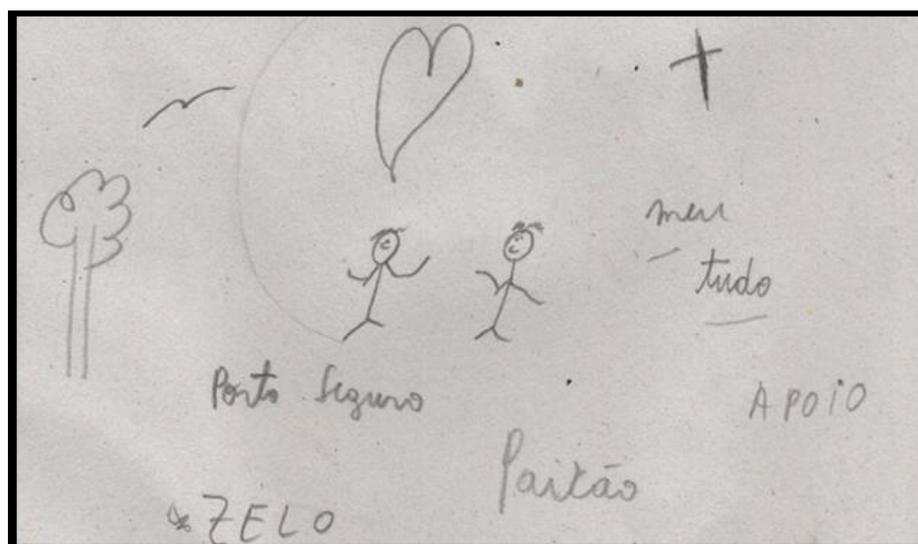
cadeia que vai construindo espaços para representar de forma simbólica a matemática e a sua grandiosidade.

Nicolau traz em seu desenho aspectos representativos, ou símbolos usados para identificar determinadas operações ou fórmulas. Além disso, mostra sua aptidão sobre função, conteúdo existente e de grande importância na disciplina de matemática. Para tal conclusão sobre o que representaria a matemática, Nicolau mostra uma visão grandiosa que reflete uma admiração e desejo de estudá-la.

Em toda a sua fala, Nicolau mostra uma admiração grandiosa pela matemática de tal forma que seguiu em frente com o seu sonho apesar das dificuldades. A matemática é muito mais que um componente curricular para esse sujeito. É a forma que ele encontrou de mostrar a muitas pessoas que ele pode, ele consegue que não é um ser incapaz de aprender e ensiná-la. Pode-se dizer que a matemática é uma parte desse sujeito que estampa um desejo de um menino de trazer algo grandioso para sua vida e para a vida de pessoas que o rodeiam.

Pesquisador: Eu queria agora que você expressasse algo que representasse sua família.

Figura 3: Família



Fonte: Dados da pesquisa

Nicolau: *Primeiro eu desenhei um coração porque cada família independente da sua realidade tem que ter amor. Hoje é o meu porto seguro, mas para chegar onde cheguei, tive que passar por todo um processo. Pela a história de vida que eu tive. Tive problemas de saúde na própria gestação. Então ninguém acreditava em mim, ninguém dos meus familiares. Diziam que eu iria ser malandro, um marginal. Eu comecei a ver que era preciso fazer*

diferente, eu poderia não ser aquilo que eles diziam da minha pessoa. Foi daí, através da minha fé, onde eu vi que era possível ser diferente. Então percebi a grandiosidade desse Deus. Comecei a estudar a conquistar títulos não de professor melhor, mas acho que foi algo que me proporcionou está subindo... E estou muito feliz por isso porque não foi aquilo que eles profetizaram na minha vida... E hoje temos uma relação muito boa porque foi Deus que quis isso na minha vida. Por isso que eu nunca deixo de lado essa questão da Fé... Hoje estou Finalizando o curso e eles têm outra visão de mim. Hoje eles se enchem de orgulho não porque eu sou o melhor, mas porque consegui mostrar para eles... Eles têm um zelo muito grande por mim. Demorou conquistar a confiança deles, mas hoje eles confiam em mim e tenho um apoio.

A experiência é aquilo que toca o sujeito, que transpassa. Nicolau, em sua fala, mostra que há muitos elementos apresentados na sua vida que definem um sujeito experiência. Nesta etapa de sua fala, o mesmo diz ter sido desacreditado por seus familiares “*Então ninguém acreditava em mim, ninguém dos meus familiares. Diziam que eu iria ser malandro, um marginal*”. Foi na rejeição, na falta de apoio, naquilo que muitas vezes dizem ser o fundo do poço que Nicolau refletiu e buscou resposta através de suas escolhas. O sujeito experiência é “[...] fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião”. (LARROSA, 2002, p. 25).

Foi nesta viagem sem saber quais caminhos que iria passar que Nicolau buscou mostrar que era mais que aquilo que pensavam dele. Foi necessário que ocorresse uma desterritorialização⁵ no sujeito, ou seja, que ele se desapropriasse do discurso que aquele dispositivo trazia, fugindo daquilo que não fazia sentido para o sujeito e com isso, proporcionou-o um processo de reterritorialização, buscando significado para aquilo que ele desejava ter/ser. Neste sentido, essa experiência ocorrida na vida de Nicolau implica diretamente em seu devir, ou seja, não se trata apenas de uma experiência, mas, diz respeito a uma marca de Nicolau. As marcas escrevem o devir, elas dão sentido, dão caminhos a uma história trazendo novas visões, novos pensamentos e isso é o princípio que rege o devir.

As marcas fizeram Nicolau buscar outras dimensões para sua vida, a religião, por exemplo, virou algo muito forte para que esse sujeito pudesse ir adiante com suas ambições virando um porto seguro, onde ele alimentava a sua crença para vencer os seus obstáculos, “*E hoje temos uma relação muito boa porque foi Deus que quis isso na minha vida. Por isso que eu nunca deixo de lado essa questão da Fé.*” Embora Nicolau tenha passado por situações

⁵ “[...] podemos afirmar que a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território [...]” (HAESBAERT; BRUCE, 2002, p. 8).

difíceis de relacionamento com sua família, o mesmo atribui isso a um desejo de Deus, fazendo o leitor pensar que tudo é propósito Dele, onde se resume em uma inspiração através de sentimento atribuído a Fé.

Pesquisador: O que passou por sua cabeça, antes da primeira aula?

Nicolau: *Tentar fazer diferente de como eu tinha visto. Estar sempre se atualizando porque há sempre diferentes ambientes, diferentes sociedades. Então tem que ter um cuidado em perceber a reação do aluno. Colocar ele no meio para mostrar a matemática não como uma coisa obrigatória, mas por uma necessidade. Mostrar a ele a importância da matemática de uma forma que ele se sinta estimulado a gostar da disciplina.*

O sujeito traz em sua fala uma insatisfação nas aulas de matemática enquanto estudante do Ensino Básico. Para não reproduzir o que tinha visto, Nicolau buscou enxergar um outro professor em si, trazendo implicações ou planejamentos que reproduzissem práticas diferentes daquelas impostas por seus professores no Ensino Básico, pois para ele faltava a empolgação necessária para instigar os alunos a gostarem de tal forma a enxergar a necessidade daquele componente para a vida social, já que para Nicolau a matemática era grandiosa e transformadora.

Pesquisador: Algo em você modificou após ministrar sua primeira aula?

Nicolau: *Sim! As práticas pedagógicas. A gente prepara uma coisa e talvez precise repensar. Queremos promover uma coisa em uma turma que já tiveram outros professores e nos deparamos com alunos que tem várias deficiências matemáticas, daí você tem que estudar cada aluno. Então entra o profissional da matemática. Não é educador, mas profissional. Vê a necessidade de cada aluno e a partir disso elaborar a sua prática pedagógica.*

A experiência adquirida no primeiro dia de aula ao se deparar com alunos com dificuldade em matemática fez com que Nicolau buscasse novos recursos que proporcionassem melhores resultados na aprendizagem de seus alunos. Muitas vezes o profissional traça objetivos em uma turma sem saber a realidade de seus estudantes. Após conhecer, consegue enxergar que não há possibilidade de ir adiante sem que seus alunos aprendam determinadas operações. Para isso, tem que haver por parte do professor uma reflexão acerca de como ensinar e o que ensinar. Nicolau percebe isso e muda a sua prática ou proposta pedagógica. Ele deixou-se transpassar pela realidade dos alunos e refletiu sobre suas práticas, objetivando trazer contribuições para os estudantes com a deficiência apresentada.

Pesquisador: Você acha que conseguiu alcançar seus objetivos?

Nicolau: *Cerca de 70% sim. Foi de forma bem satisfatória, pois as suas expectativas vão sendo alcançadas aos poucos. É um processo lento, mas que dá pra chegar.*

Embora tenham existido expectativas no primeiro dia de aula, Nicolau teve consciência de sua prática, pois tinha em mente que a proposta criada por ele seria absorvida lentamente por seus alunos. E de fato, pois o novo é muitas vezes tenebroso e trabalhoso. O modo ao qual esses estudantes estavam habituados em estudar matemática era totalmente diferente do proposto por Nicolau e isso causa desconfiança, causa medo. Conseguir atingir 100% em uma turma onde o professor já tenha certo tempo lecionando é tarefa muito difícil e seria estranho se Nicolau conseguisse essa façanha em seu primeiro dia. Alunos e professores precisam de tempo para construir algo significativo e duradouro.

Pesquisador: Você conseguiu se identificar com o professor que admira?

Nicolau: *Consegui, pois aquilo que é bom tem que guardar. Não vai ser igual porque ninguém é igual, mas tiveram coisas que eu consegui. É como muitas coisas eu estivesse revivendo, pois achei que valia a pena lembrar disso. É um ponto positivo para a educação.*

O professor tem em seu favor o poder da subjetivação e isso implica no aluno determinadas conclusões sobre si. A prática do “bom professor” faz com que Nicolau se espelhe nele e busque reproduzir práticas onde foram vivenciadas enquanto aluno. Embora Nicolau não tenha essa noção, ele mostra o que é o devir professor de matemática através de sua fala. “*Não vai ser igual porque ninguém é igual*”. O sujeito pode ir se alimentando daquilo que ele vai vivenciando no seu dia a dia, vai se transformando através da interação com outro. Porém o devir não é repetir, imitar, mas trazer para si os elementos existentes na multiplicidade do fora para interagir diretamente com suas singularidades, construindo assim o seu devir.

Pesquisador: Ensinar matemática é como você imaginou?

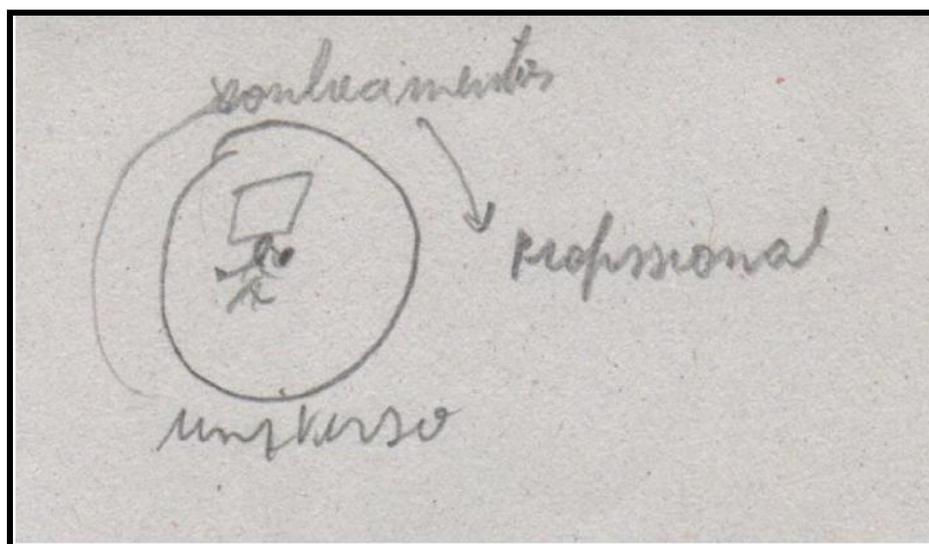
Nicolau: *Talvez não! Ensinar matemática para quem tem uma facilidade em aprender é um jeito, mas para quem não tem, você tem que estar mudando, insistindo de todo jeito. Você tem que estar reabilitando as suas práticas para que esses consigam entender também o conteúdo.*

Nicolau mostra mais uma vez a prática do devir. “*Você tem que estar reabilitando as suas práticas para que esses consigam entender também o conteúdo*”. O devir é se reinventar, se transformar. O sujeito está em constante transformação. Há uma necessidade para isso.

Neste caso, Nicolau enxerga a diferença entre seus alunos e busca, através de sua análise sobre seus estudantes, variar as suas práticas para que um maior público consiga absorver o conteúdo mostrado. É o conhecimento de si (prática) que faz com que haja o governo de si para o bem de todos (alunos).

Pesquisador: O que representa esse desenho?

Figura 4: Professor



Fonte: Dados da pesquisa

Nicolau: *O professor tem que ter um universo dentro da sua mente. Não só de matemática, mas também de outras áreas para ter a questão da interdisciplinaridade dentro da sala de aula. Através desse universo de conhecimento ele vai ver realmente o que conhece... Como algo real que possa atingir o aluno... Isso diz importância de um professor de matemática.*

Estudar diversas áreas que tragam informações sobre o sujeito implica ao professor uma habilidade que pode ser reproduzida para facilitar a comunicação e o afeto com seus alunos. Não estudar apenas para opinar, mas para ajudar em sua prática pedagógica, possibilitando uma aproximação significativa com seus estudantes. Partindo da necessidade de conhecer o outro para ajudar não apenas a si, mas para ajudar o ambiente ao qual estão inseridos professor e aluno. É esta a ideia que Nicolau traz em sua fala, pois é buscando conhecer a realidade que poderá ajudá-lo.

Pesquisador: Você tem planos para seu futuro profissional? Quais são?

Nicolau: *Continuar! Nunca parar de estudar. Fazer o mestrado. Pensar em doutorado. E sempre estar atualizando os conhecimentos.*

Nicolau almeja continuar buscando novas propostas que o ajudem a evoluir para que possa estar sempre atualizado no ambiente educacional. Para um menino desacreditado, Nicolau buscou ir além e não parou por ai. Mesmo após a graduação, o mesmo pensa em ir adiante e cursar um mestrado e futuramente um doutorado. São novos sonhos que vão substituindo, que vão sendo realizados. Para cada conquista o desejo de conseguir que veio das experiências, marcas e subjetivações adquiridas nos mais variados dispositivos adentrados por cada sujeito.

Pesquisador: Comparando você antes com agora, acha que mudou muita coisa? Quais são as mudanças?

Nicolau: *Primeiro em nível de conhecimento. Pois agora já tenho uma bagagem em relação ao conhecimento. Tenho certa experiência em sala de aula. E o que muda é que antes eu tinha um pensamento do que seria ser um professor. Antes a gente imaginava você realizando isso, e hoje você realiza e vê que a realidade é bem mais dura que imaginávamos.*

O devir professor está associado ao novo e o novo remete a mudança. Nicolau entrou como professor de uma forma e de acordo com o seu contato em sala de aula foi adquirindo recursos que trazia a ele segurança para reproduzir boas aulas e bons contatos com a turma. Porém, confessa que antes de ter esse contato, tinha uma visão do que seria o sujeito professor, mas soube na verdade depois de ter tido a oportunidade de vivenciar aquilo que desejava.

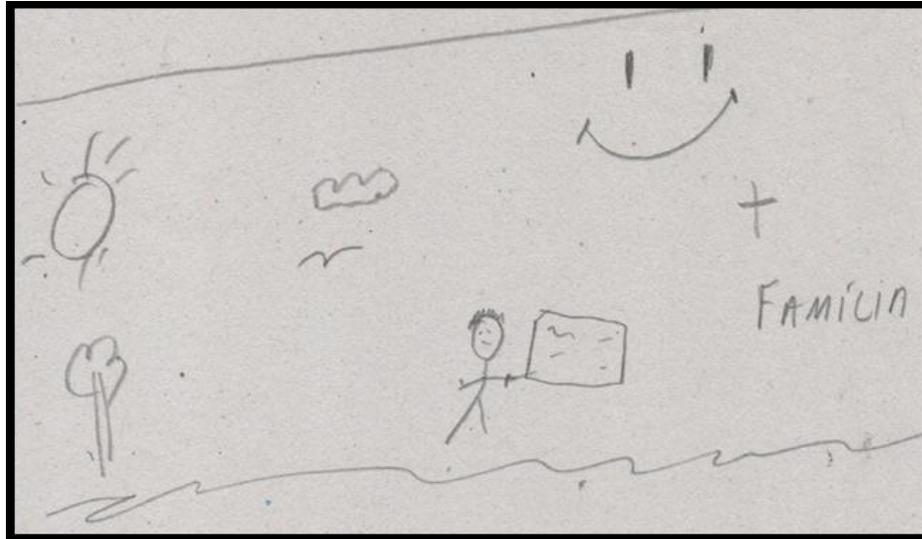
Pesquisador: Explique este desenho relacionado ao futuro.

Nicolau: *A questão da natureza, ter um futuro mais suave. Um futuro que possamos ver a natureza e sempre ser feliz através da fé e contemplar a beleza do sonho em ser professor. Um profissional e você sendo realizado. Construir uma família. Acho que todo mundo sonha ter uma família e ser feliz.*

Nicolau é cheio de sonhos. Em boa parte desta entrevista mostrou isso. Sonhou e foi atrás daquilo que o movia. Não se deixou abalar pelas linhas de forças que indagavam o fim ou a desistência dele nesta caminhada. Foi a partir desses sonhos que ele conheceu novos horizontes, que resultou em novas oportunidades para sua vida. Posteriormente, como visto, os sonhos de Nicolau com a matemática tende a superar ainda mais barreiras, pois com os sonhos antigos se concretizando surgem novos a serem alcançados. É o devir que vai se construindo a cada anseio vindo do sujeito. A cada sonho, novas escolhas, novos dispositivos,

novas subjetivações, novas experiências, novas marcas e novos devires. É assim que é movido um professor de matemática. Isto é o devir professor de matemática!

Figura 5: Futuro



Fonte: Dados da pesquisa

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sujeito é composto por diversas forças que refletem no decorrer de sua vida, portanto, descrever o seu devir é destrinchar parte da vida que foi marcada por diversas situações que o colocaram na condição encontrada.

Nos trabalhos elaborados em relação à matemática, encontram-se vários estudos sobre a matemática, metodologias, práticas pedagógicas e entre outros. Entretanto, a vida do sujeito professor ainda é pouco estudada. Visando essa situação, este trabalho trouxe uma abordagem onde podemos entender fases que o sujeito perpassa e que não se tem noção das dificuldades e superações obtidas nelas.

As subjetivações contidas neste trabalho muitas vezes representam aquelas adquiridas pelo leitor e conseqüentemente isso faz com que as pessoas olhem para si com um novo parâmetro e consigam enxergar o futuro com uma nova forma. Além disso, entender o processo de subjetivação dos outros sujeitos pode ocasionar que as pessoas compreendam e respeitem as diferenças obtidas não apenas no ambiente educacional, mas também no ambiente social.

O sujeito professor deve ser visto não apenas como um profissional que tem uma vida determinada em apenas dar aulas e reproduzir aquilo que se pede, mas um sujeito filho, pai, irmão, amigo que também tem suas dificuldades financeiras, familiares, afetivas e entre outras. Foi um trabalho que visou também humanizar um pouco mais as pessoas que se atentam em trazer muitas informações e muita coisa para a vida e esquece-se de enxergar o que está próximo e que faz parte do seu devir.

Além de trazer uma descrição do sujeito professor, este trabalho também apresentou as experiências e marcas obtidas no sujeito aluno e isso também faz com que haja uma reflexão acerca do estudante. Ou seja, refletir essas subjetivações, experiências, marcas obtidas no dispositivo escola, mostrar algumas dificuldades que os alunos trazem consigo. Enxergar o aluno e entender suas dificuldades são relevantes para entender que o aluno não é apenas uma figura ou mais um número acrescentado nas estatísticas do governo. Há também um ser humano repleto de problemas que passam por dificuldades e que de modo direto ou indireto atrapalham no desenvolvimento escolar.

Portanto, este trabalho trouxe sujeitos existentes em um personagem (Nicolau) que passou por muitas dificuldades na vida e pelo desejo de crescer e mostrar que poderia ser grande surpreendeu a todos com sua garra e determinação. Pode-se destacar também o conhecimento que esse sujeito tinha de si, pois sabia exatamente o que desejava pra si e para

os outros que estavam ao seu redor, agindo com cautela nas suas decisões para buscar o bem comum. As experiências e marcas traçadas na vida dele resultaram em um sujeito cuidadoso e afetivo, em um professor que busca entender seus alunos e se adaptar a cada dificuldade imposta por seus estudantes. É nisto que consiste o devir. Nesta ocasião conclui-se mais uma descrição de um devir professor de matemática.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que é um dispositivo?** In: O que é o contemporâneo e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BORBA, M. C. **A pesquisa qualitativa em educação matemática.** Reunião anual da Anped, Caxambu, MG, 21-24 Nov. 2004, Rio Claro-SP: UNESP. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/gpimem/downloads/artigos/borba/borba-minicurso_a-pesquisa-qualitativa-em-em.pdf> Acesso em: 28 abr. 2019.

CARDOSO JUNIOR, H. R. **Para que serve uma Subjetividade?** Foucault, Tempo e Corpo. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2005, 18(3). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a08v18n3.pdf>> Acesso em: 30 Maio 2018.

CAVAMURA, N. R. B. Michel Foucault e a Coragem da Verdade: uma reflexão sobre o professor parresiasista. In: Encontro Nacional de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática, 17, 2013, Vitória. **Anais...** Vitória: SBEM, 2013. ISSN 2237-8448.

DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo?** In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona Gedisa, 1990, pp. 155-161. Disponível em: <<http://escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>> Acesso em: 01 Jun. 2018.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Clarie. **Diálogos.** Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998, 184p. Disponível em: <<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/12/deleuze-gilles-parnet-claire-dialogos.pdf>> Acesso em: 27 jun. 2019.

DELEUZE: filosofia da diferença / Franklin Leopoldo e Silva. Casa do Saber. **Youtube.** 28 fev. 2017. 7min 46S. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6Her0PEsMao>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. 20 ed .Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. 288p.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito:** curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **Geographia**, v. 4, n. 7, p. 7-22, 2002. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13419>> Acesso em: 02 fev. 2019.

MANSANO, S. R.V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Psicologia Revista de Psicologia da UNESP**, 8(2). 2009. Disponível em: <seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/946/873> Acesso em: 30 Maio 2018.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **In Revista Brasileira de Educação**, nº19, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em 08 jun. 2019.

OLIVEIRA, E. A. S. Uma análise sobre a escola enquanto um dispositivo de segurança nas obras de Michel Foucault. **Analecta** Guarapuava, Paraná, v.15, n.1, p. 39-52, 2014. Disponível em: <<https://revistas.unicentro.br/index.php/analecta/article/download/4594/3164>> Acesso em: 04 Jun. 2018.

QUEIROZ, Simone Moura. **Movimentos que permeiam o devir professor de matemática de alguns licenciandos**. 2015. 206 f. 2015. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação Matemática)–Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro.

ROLNIK, S. **Pensamento, corpo e devir**: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. Núcleo de Subjetividade. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>> Acesso em: 16 jun. 2019.

SCHEINVAR, Estela. **A família como dispositivo de privatização do social**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 58, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v58n1/v58n1a06.pdf>> Acesso em: 02 Jun. 2018.

SCHÖPKE, Regina. **O conceito de "diferença" na obra de Gilles Deleuze**. Disponível em: <<https://rogsil.wordpress.com/2009/11/22/o-conceito-de-diferenca-na-obra-de-gilles-deleuze/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SILVA, M. M. L; COSTA, L. R. S; SOARES, R. M; QUEIROZ, S. M. CUIDADO DE SI E EXPERIÊNCIA: Movimentos que perpassam a Educação Matemática na Pós-Modernidade. In: ENCONTRO DE MATEMÁTICA DO AGRESTE PERNAMBUCANO, V., 2018, Caruaru. **Anais...** Caruaru: UFPE/CAA, 2018.

VAZ, T. **Docência em deriva**: atravessamentos de um ‘devir professor’. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, IX., 2012, Caxias do Sul: UCS, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1243/790>>. Acesso em: 22 Jun. 2019.

VENTURA, M. M. **O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa**. SOCERJ. 2007; 20(5): 383-386. Disponível em: <http://sociedades.cardiol.br/socerj/revista/2007_05/a2007_v20_n05_art10.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.